

MUSEU DA PESSOA



Museu da Pessoa

Uma história pode mudar seu jeito de ver o mundo.

20 Anos do Projeto Esporte Talento (PET)

Uma vida é vivida, não é contada

História de [Eduardo Roberto Uhle](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 16/10/2015

P1 – Primeiro, boa tarde, Eduardo. Tudo bem? Eu queria perguntar pra você o seu nome inteiro, local e data de nascimento.

R – Eduardo Roberto Uhle, nasci em Campinas, em 15 de maio de 1980.

P1 – Você pode fazer o mesmo pro seu pai agora?

R – Meu pai é de 29 de março de 50, ele nasceu em Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

P1 – Qual o nome inteiro dele?

R – Ário Roberto Uhle.

P1 – Tá certo. Você sabe qual é a origem dele, da família dele?

R – Meu pai é de origem alemã, não ele, mas a família. Não é tão próximo assim, talvez o tataravô dele tenha chegado da Alemanha, mas até o meu tio... meu pai é o último filho da família, dez anos depois dos primeiros dois, então ele nasceu em 50, pouco depois da Segunda Guerra. Então, meu tio eles aprendiam um pouco de alenão na família, meu pai já não teve essa... aprendeu muito pouco, não teve essa vivência, mas é de origem alemã. Eles são do sul, meu pai nasceu em Campo Grande, mas foi criado em Curitiba.

P1 – Você sabe por que o seu tataravô veio da Alemanha pra cá? Te contaram alguma história?

R – Não, não. Não sei, essa história nunca... eu não sou muito fã... na verdade eu nunca fui muito atrás disso, a minha irmã é historiadora e ela vai mais atrás dessas coisas, mas eu sei só dessa origem alemã.

P1 – Entendi. E a sua mãe, qual o nome inteiro dela?

R – Minha mãe é Agda Bernadete Bittencourt, ela nasceu em Joaçaba, Erval Velho, que é distrito da cidade, enfim, em 28 de Agosto de 50 também.

P1 – E qual a origem da família dela, dos avós por parte de mãe? Você sabe?

R – Então, é também uma origem diversa, tem uma origem italiana, mas não só. Índio, tem uma boa mistura nessa área também. Mas também é a mesma coisa: como a gente, tanto meu pai como a minha mãe eles mudaram pra longe das origens, minha mãe é de Santa Catarina e meu pai é de Curitiba, minha mãe fez faculdade em Curitiba, conheceu meu pai e meu pai veio trabalhar na Unicamp em Campinas, São Paulo, então isso afastou a gente um pouco desse convívio familiar dos primos e dos tios. A gente teve isso na infância, mas era mais férias, a gente não teve essa imersão familiar. Talvez um pouco por isso eu não tenha toda essa história. Sei que meus primos todos têm, eles se conversam, são muito próximos. Eu tive muita proximidade com eles na infância, mas depois não tanto.

P1 – Entendi. Então conta pra gente essa história de como seus pais se conheceram. Você falou da faculdade em Curitiba, né?

R – Isso. Então, minha mãe foi fazer pedagogia na Universidade Federal do Paraná, meu pai fazia economia também na Federal do Paraná e eles se conheceram e acabaram casando, enfim, fizeram o Projeto Rondon, mas foram separados, cada um prum lado. Depois voltaram e resolveram casar. Moraram um pouco em Curitiba, minha mãe, na época, trabalhava no SENAC, se não me engano, das histórias que ela contou. Meu irmão nasceu em Curitiba, ele é de 76 e nasceu em Curitiba. Aí, logo depois eles mudaram pra Campinas, porque minha irmã é de 78 e ela nasceu já em Campinas. Depois eu nasci também em Campinas. Então eles casaram, se não me engano, foi em 70, não sei. Eles não casaram e tiveram filho logo de cara, eles tiveram um tempo ainda juntos, então acho que 75, 74, antes de nascer meu irmão.

P1 – Você é o irmão mais novo então, é isso?

R – É. Meu pai depois casou de novo, teve mais duas filhas, mas desse núcleo familiar eu sou o mais novo.

P1 – Entendi. Por que eles se mudaram pra Campinas, depois de se conhecerem?

R – Meu pai veio trabalhar na Unicamp, teve uma oferta de emprego na Faculdade de Economia, mas não pra ser professor, especificamente. Era quase que uma extensão universitária que fazia apoio às empresas da região, formação, capacitação, ajudava a melhorar a parte administrativa das empresas e ele trabalhava nesse grupo que fazia quase que uma consultoria pra essas empresas. Minha mãe é formada em pedagogia e ela veio pra cá; e depois de um tempo também, acho que no ano do meu nascimento, desde 80 ela está na Unicamp também. Mas ela ficou, virou professora e está lá até hoje. Meu pai não.

P1 – Quem são os seus irmãos?

R – Meu irmão mais velho se chama Vitor Augusto Uhle, nasceu em Curitiba, como eu falei, e ele tem quatro anos de diferença, é de 76, 3 de agosto de 76. A minha irmã é Ana Rita Uhle, nasceu em 20 de dezembro de 78 e foi quem eu tive mais proximidade, porque acaba que é muito próximo, temos um ano e seis meses de diferença, a gente acabou vivendo a infância toda muito juntos.

P1 – A sua infância você passou aonde? Em Campinas mesmo?

R – É. Reza a lenda que eu nasci em uma casa, mas com dois anos eu mudei pra essa casa que é a que eu lembro, que foi onde eu vivi a minha infância toda, toda ela mais ou menos no mesmo bairro, que é o Santa Genebra, em Campinas. E aí, dos dois aos 14 anos a gente morou nesse mesmo endereço que era a Rua Matias Aires, nº 85. Eu acabei de fazer um texto também pra isso, pra Revista E do SESC, porque a gente está falando da ocupação do espaço público e tal, e aí, como eu tô trabalhando um pouco essa questão da mobilização, a ação do SESC está nessa linha e eu tô ajudando, aí acabei escrevendo um texto sobre... tava até comentando sobre isso com a Paula, foi muito... as coisas estão acontecendo muito próximas, esse reviver da infância.

P1 – Entendi. Como é que era a casa que você cresceu lá?

R – Era uma casa... quase que uma casa térrea com uma edícula, mas a edícula era embaixo, então eram três quartos. Lembrança de infância é sempre engraçado porque pra mim a casa era enorme, gigantesca, tinha uma janela que era super alta, que era a janela do fundo do meu quarto. A casa era uma sala e um quarto na frente, a sala de estar e o quarto da minha irmã, uma copa com uma cozinha, um corredor, um banheiro nesse corredor à esquerda, meu quarto ficava à esquerda e o quarto do meu pai e da minha mãe, que era uma suíte. Na verdade era o quarto da minha mãe, porque meu pai ficou muito pouco tempo nessa casa, ficou mais pra ela. Tinha uma escadaria, tinha um jardim na frente e um quintal no fundo, uma casa clássica do interior. Não era uma casa que tinha 5 metros de frente, ela tinha uns 16 metros de frente, tinha circulação na casa.

P1 – Vocês tinham algum animal?

R – A gente teve um cachorro, uma cadela, quando eu era muito pequeno, chamava Memê, uma cadelinha preta, mas a Memê não era castrada. Acho que naquela época não tinha muito essa onda de castrar cachorro. Era uma cadela de rua que a gente adotou e tal, mas ela entrava no cio, como qualquer cachorra faz que não é castrada, e ela surtava a gente porque cruzava um monte, tinha um monte de cachorrinho, era uma loucura pra distribuir, era um tormento. Aí minha mãe entregou a cachorra pra carrocinha, mas falou pra gente que ela tinha levado a cachorra prum sítio. A gente descobriu isso só um pouco mais tarde e ficou meio revoltado, mas agora eu entendo. Ela dizia inclusive que tinha cachorro que pulava o muro de casa pra cruzar com a cadela e por isso que era um inferno, mas enfim, tinha essa. Depois, quando eu tinha uns 14 já eu peguei um cachorro, mas foi super rápido porque ele foi atropelado quando a gente estava passeando, então foi muito breve o cachorro, essa segunda passagem.

P1 – Entendi. E dava pra brincar naquela casa?

R – Era um bairro muito residencial, até minha mãe conta um pouco que a escolha do lugar foi também pra ter a vizinhança, pra ter um espaço de vivência, pra ter a rua. Era um grupo de famílias. A rua não era completa, todos os lotes construídos, na época, mas hoje em dia acho que já tá toda a rua construída. As famílias que estavam lá tinham muitas crianças, então acabou sendo um número muito grande de amigos que a gente tinha que saía muito pra rua. A gente brincava nas casas de todos e brincava muito na rua. A lembrança que eu tenho... eu também não sou uma pessoa que tem muitos detalhes da lembrança da infância, mas eu sou capaz de dizer hoje que, com três anos, eu saía pra chamar um amigo do outro lado da rua. Parece meio loucura, então eu não sei se isso é verdade, mas a história da infância é muito essa: de tocar na casa do amigo e chamar “Vamo brincar!”, se reunia em algum lugar e brincar. Aí as construções foram aparecendo, tinha um monte de casas, tinha alguns terrenos

que começaram a ter construção, o fato de brincar nas construções, de explorar o entorno do bairro, as quadras, enfim. Isso era muito comum, brincadeira de rua, pega-pega, esconde-esconde, mãe-da-rua, pique-bandeira, futebol, vôlei, basquete, tudo isso a gente acabou brincando nesse grupo de umas, aumentava ou diminuía, mas eram umas dez pessoas, dez crianças. Às vezes pegava criança do entorno que ficavam mais frequentes, depois sumiam, mas tinha esse grupo de mais ou menos umas oito pessoas que a gente praticamente cresceu junto.

P1 – Quem são essa turma aí?

R – São dois amigos, o Tiago e o Rodrigo, que eram primos, moravam na mesma rua, que eram os meninos. Juntavam alguns e saíam alguns, mas a gente foi até os 14 anos muito próximos, com uma ou outra pessoa entrando nesse contexto. E aí tinha as meninas, que era um grupo maior, a minha irmã, a Ana, a Lidiane, a irmã dela mais nova, que no começo era muito nova e não entrava tanto, mas entrou depois, que era a Liliane; a Michele, a Andreza... não, Andreza, essa era Andreza; Mariane, Camila, Valéria. Era um grupo grande e distribuído pela rua, uma parte morava em cima rua e outra parte na parte de baixo, que era uma descida. E com essas diferenças, tinha um pouco dessa dinâmica da economia: a parte alta da rua era uma parte que tinha mais condições financeiras, a parte de baixo da rua, mais perto da várzea era uma parte que tinha menos dinheiro, assim. Então tinha um pouco essa mistura que não era... não sei se hoje é mais difícil de encontrar, eu moro num bairro muito homogêneo, mas que parece ser uma realidade um pouco distante pra mim hoje. Acho que era legal que tinha famílias muito mais pobres, mas a gente conseguia brincar com todo mundo, visitava a casa, ia comer na casa de um, comer na casa do outro, chamava todo mundo pro aniversário, enfim, tinha essa dinâmica de rua.

P1 – Falando nisso, descreve pra gente a rua em que você cresceu, a Matias Aires, e o bairro. Como é que eram eles?

R – A rua era uma descida, mas acho que da minha casa pra direita, olhando pra rua, era quase que toda plana, e da minha casa pra esquerda ela começava a virar uma descida. Era uma rua que chegava em uma avenida, que era uma avenida perimetral e ela circulava uma fazenda de cana que tinha. Também tinha várias histórias, a gente roubava cana na fazenda, enfim, tinha um córrego que passava, um campo de várzea no fundo. Era um bairro novo, na época, não tinha nada de prédios, pouquíssimos prédios, a área que tinha prédios era a área dos predinhos, bastante terrenos, se conseguia atravessar de uma rua pra outra por terreno, não precisava dar uma volta na quadra. Então tinha muito essa... como todo bairro que está se estruturando, tinha algumas famílias no bairro já e famílias que estavam chegando, então muitos amigos também mudaram pra lá e depois acabaram mudando antes desses meus 14 anos. Acho que até... a última pessoa a mudar, a última das famílias a... não, tem uma família que está lá ainda, duas, mas a última das famílias que mudou era meu vizinho do lado, que era o Rodrigo e a Daniela, irmã dele. A mãe dele ficou lá muito tempo, a gente tinha uma proximidade muito grande, dormia um na casa do outro, pulava o portão, aquela liberdade de abrir a geladeira sem perguntar nada, como se estivesse em casa. E hoje, até hoje, com trinta e tantos anos, já passaram quase vinte que eu não moro mais lá e ainda tem essa proximidade. Acho que eles são mais meus tios e primos, nesse sentido de família e convivência do que os primos de verdade, pela questão da vivência mesmo, do dia-dia. Eu estava na casa deles o tempo inteiro. Então, era um bairro muito plano, muito de casas, não era um bairro de super casas. Tinha algumas regiões com casas maiores, mas no geral eram casas de uns 100 metros quadrados, com mesmo estilo. A casa do meu vizinho era idêntica, então eu acho que era aquelas casas de construtora que faz umas duas ou três casas e vende. Tinha mais ou menos a mesma divisão, o mesmo modelo, era mais um toque de casa família que mudava, então tinha um pouco essas questões.

P1 – Tem alguma história dessa época, lá do bairro, quando você estava brincando e que você guarda até hoje?

R – Ah, muitas, né, mas de destacar, talvez?

P1 – É, alguma que venha na cabeça agora, não sei.

R – É, eu tava... por conta desse texto que eu escrevi, algumas coisas vieram mais à cabeça do que outras. Acho que uma coisa muito legal que a gente fazia era que a gente acabava se organizando pra... a gente praticava muita coisa na rua, então teve uma época em que a gente começou a jogar vôlei, foi ficando mais velho um pouco, começando a jogar vôlei, a gente tinha uma rede que era de alguém, acho que de alguns amigos, que a gente esticava entre os portões, entre os muros pra jogar. Aí teve uma época que a gente queria muito jogar, tava muito na pegada e aí a gente montou uma festa junina. Foi pra rua sem permissão da prefeitura nem nada, fizemos uns balcões, pegamos umas tábuas de construção, sei lá, levamos os fogões pra fora, fizemos cachorro-quente, milho, essas coisas. Começamos a fazer uma festa e fizemos dois anos essa festa. Acho que no segundo ano... deu muito certo porque todo o lucro era nosso, né, os pais investiam na festa e tudo o que a gente ganhava era nosso. E a gente conseguiu comprar duas ou três bolas de vôlei oficial, duas redes oficiais. Acho que durou uns três anos, a gente ficava pendurando, pendurava, tinha essas histórias. Mas era muito comunitário, enfim, muitas histórias. De aprender a andar de bicicleta, de cair de bicicleta, de esconde-esconde, de vandalizar, aquela questão de criança pré-adolescente, a gente queria pichar algumas coisas e aí, cretinamente, acho que pichamos alguns muros. Era muito criança mesmo, não era uma coisa muito maliciosa porque a gente pichava o muro da rua, né, muito burro até.

P1 – Vocês pichavam o que?

R – Aí depois... muito engraçado, porque essa é uma das coisas que eu olho pra trás e pergunto: “Por que que eu fiz isso?” Não tinha muito um porque, era mais uma questão de experimentar, pichar parece que é legal. Aí eu lembro que a gente fez isso e lembro que foi uma canalhice porque o cara tinha acabado de pintar o muro da casa dele. Hoje, que eu tenho um muro, que eu tenho uma casa e pinto, e alguém vai pichar, eu falo: “Poxa, não é possível que eu fiz uma coisa dessas.” É muito sem noção.

P1 – O que você escrevia?

R – Ah, criamos um nome de turma e aí cada um assinava com um nome que não era o seu.

P1 – Você assinava o seu nome?

R – Não, não. A gente assinava outros, inventamos alguns apelidos que não eram o que a gente usava na rua e fizemos. Até hoje eu me pergunto se o cara sabe que a gente... eu imagino que sim, né. Hoje, pensando assim, eu acho que não é muito difícil sacar. Não era uma coisa que a gente fazia muito, então compramos uma lata de spray de uma cor só, que era verde, e aí a gente fez isso. Depois de um tempo eu falei: “Meu, como a gente pode?” Lá mesmo, ainda jovem, adolescente: “Como é que a gente pôde pintar na casa da esquina, no nosso quintal, no cara que a gente convive diariamente?” Enfim

P1 – Eu queria voltar um pouco e queria que você falasse como é sua mãe e seu pai. Como é que eles são? Como eles eram nessa época?

R – Minha mãe e meu pai se separaram muito cedo, eu tinha acho que cinco anos quando eles se separaram, então o processo deles juntos eu não tenho muita lembrança, não está muito na minha memória não. Minha mãe é e sempre foi professora da Unicamp, desde que eu me entendo por gente, talvez até antes, não sei quando foi que ela entrou na Unicamp. A gente teve muito esse convívio com ela, ela era a pessoa da casa, que cuidava da gente. A gente tinha uma empregada que chamava Tiana, que entrou também logo com o meu nascimento, então a gente teve um relacionamento muito forte com ela, enquanto família. Ela me criou desde que eu sou bebê, desde que eu nasci, então isso foi muito significativo. Ela faleceu acho que faz uns dois ou três anos e eu consegui ir. Tinha essa questão da família, minha mãe estava fora do Brasil, meu irmão mora em Bauru agora, minha irmã mora em Cajazeiras, na Paraíba. Então, nesse momento, a única pessoa que poderia representar a família era eu. E aí foi muito... aquela coisa de proximidade, todo mundo se conhecia, eu conhecia a família inteira, fui padrinho de casamento dos filhos dela. Ela tinha essa questão do filho, né, a gente era meio que filho da família também, então foi... essa lembrança da infância, de criação, é muito com a minha mãe e com a Tiana e com as pessoas que transitavam na casa. Professor da Unicamp, professor universitário tem muita gente que transita, turmas, grupos, pessoas, que acabam fazendo muito trabalho em casa também, de leitura, de escrever os textos, artigos. Então acabava tendo muito reunião de grupos de amigos em casa, então tinha essa frequência de pessoas.

P1 – Vocês faziam muita bagunça em casa? Sua mãe era brava? Como que era?

R – Ah, não existia a Lei da Palmada, na época, então a gente apanhava eventualmente. Minha mãe tinha um método muito engraçado pra castigar que era: “Olha, você vai apanhar por causa disso, serão tantas chineladas.” Ela contava, tinha uma espécie de... mas nunca nada muito agressivo, perto do que a gente escutava dos amigos da rua. Os amigos na rua tinham histórias de apanhar de cabo de aço, de mangueirinha de chuveiro, umas coisas que a gente só imagina que deve doer bastante. Mas ela não tinha muito isso, como ela trabalha com pedagogia, professora universitária de uma universidade pública, então tem uma cabeça muito aberta. Eu me lembro de uma passagem nossa que todas as mães ficavam muito irritadas quando os filhos xingavam, falavam palavrão e a minha mãe era muito tranquila, não dava muita importância. Não vou dizer que ela gostava porque não gostava, mas não ficava valorizando muito, não dava tapa na boca, não botava de castigo. Ela achava que isso era uma questão da infância mesmo, de brincadeira, dependendo do jeito que você falasse, do contexto, era uma coisa que não era agressiva, era mais uma forma de expressão. Uma vez eu tava com ela e tava brincando com um amigo, uma lembrança que eu tenho meio confusa, de ficar xingando e falando pra ela e ela dando risada, assim: “Meu filho, que bobeira! O que você está falando? Você não está me xingando, já falei que não é comigo a história.” Então ela não dava muita atenção pra isso. Tinha um pouco essa diferença, talvez, da nossa casa pras outras famílias, que não tinham necessariamente essa construção da liberdade, das possibilidades, enfim.

P1 – Você falou que era mais unido com a sua irmã, é isso?

R – Isso. A gente acabava... essa turma da rua, esses amigos, era uma turma só, então a gente fazia parte, eu, ela e mais... o irmão não fazia parte, ele era um pouco mais velho e não fazia parte dessa turma, ele fez parte de uma outra... a gente brincava em duas gerações, né, realmente eram duas gerações, são quatro anos de diferença. Tinha um outro grupo dos mais velhos, então ele não se metia tanto porque eu era muito mais novo e ele não queria muito se envolver. Às vezes tinham alguns encontros, mas era raro. E aí brigava muito, eu e meu irmão brigávamos muito, se estapeava, saía na mão. Engraçado, minha irmã também teve essa história. Teve uma vez que ela falou, e a gente já estava adolescente, e essa questão da provocação acho que é uma coisa muito da minha família, meu irmão tem muito isso, eu tenho muito isso. Ela falou: “Olha, precisamos parar de ficar brigando na rua, porque não dá mais, ficar se expondo.” Já tinha uma questão: “Olha, eu já tô ficando grande, já sou mulherzinha, não quero mais sair no tapa com você na rua.” Isso só me fez instigar mais pra provocar ela mais e tirar ela do sério pra gente sair no tapa na rua. Era uma coisa muito mais de provocação, era quase um divertimento, uma brincadeira, uma provocação, mas tinha isso: brincamos e brigamos muito.

P1 – Tinha alguma coisa que você gostava mais de fazer quando criança? O que você gostava de fazer?

R – Ah, brincar na rua era o top. Eu sempre fui muito ligado com televisão, videogame, sempre gostei, então... to pegando o paralelo da minha irmã, né. Minha irmã nunca teve isso, então eu tinha essa... às vezes eu ficava muito tempo na frente da TV, mas tinha esse equilíbrio, acabava saindo bastante. Como a maioria das pessoas da rua estudava à tarde, só eu e ela que estudávamos de manhã, então de manhã a gente ia pra escola, eles não acordavam, acordavam tarde. E aí, quando a gente voltava, uma hora da tarde, eles já tinham ido pra escola e lá pelas seis, sete horas era o horário que a gente ia pra rua pra brincar e tinha mais espaço. Ou no final de semana, até umas nove da noite, quando a gente era chamado pra voltar.

P1 – O que vocês assistiam na TV?

R – Eu? Eu era muito fissurado em super-herói, tinha quadrinhos. Eu lembro de uma série japonesa... agora lembrando era muito tosca. Eu brincava com os amigos, acho que a primeira brincadeira de infância que a gente fazia era de super-heróis, cada um escolhia o seu e a gente

brincava. Aí a ideia era tentar arrumar um.. cada um tinha o seu que era a sua propriedade: “Esse herói é meu e você não pode escolher.” Então, se o cara escolheu o super-homem ele era o super-homem pra sempre e você tinha que pedir permissão pra usar o super-homem quando você quisesse. Eu lembro que tinha uma série japonesa que se chamava o Robô Gigante, passou super pouco, eu tenho muito pouca memória disso, mas me marcou. Marcou porque ninguém via, só eu, então eu podia ser ele sempre que eu quisesse. Eu podia inclusive inflacionar os poderes do Robô Gigante, poderia ser muito mais do que ele era na TV. Era muito tosco, depois eu fui procurar esses dias... esses dias não, há um tempo atrás, no Google, tal. Era um negócio meio faraônico o Robô, tinha um negócio... tosco, muito tosco, mas eu adorava, achava ótimo. Assistia toda a tarde, acho que era até na Manchete, a extinta, falecida TV Manchete.

P1 – Mais alguma coisa que você assistia?

R – Ah, os desenhos comuns, né, Thundercats, tal, assistia essas coisas. Alguns filmes da sessão da tarde, nada muito...

P1 – E videogame, quem jogava com você?

R – Eu joguei, mas demorou pra eu ter, né. Demorou e não, né, porque meu irmão tinha um Odissey, mas a gente não ligava muito, não sei porque. Acho que a gente não tinha muito jogo e eu não prestava muita atenção pra isso. Ele tinha um jogo que era tipo Atlantis, tinha duas arminhas que ficavam atirando pro lado, que era o jogo que a gente gostava mais. Acho que tinha força também, era aquele videogame que tinha teclado, uma coisa tipo pré-histórica, muito legal. Aí acho que o Atari era mais os amigos, então também era esse negócio de se reunir e ir na casa de alguém pra jogar videogame. Não tinha esse negócio do online, você ia lá e fazia... aí eu lembro que teve uma fase que a gente... acho que foi na Copa de 90? E, foi na Copa de 90, lá pelos anos 90. Aí o videogame da nossa galera lá era um Master System e aí tinha o Copa 90, não sei qual era o nome do jogo e a gente fazia torneios, torneios estruturados, mata-mata, quem ganhava... fazia uma copa da gente mesmo. E o videogame era todo viciado, né, o time dos Estados Unidos nunca jogava tão bem quanto o time da Itália. Nessa fase o meu irmão brincou bastante com a gente, ele jogava e aí ficava jogando e narrando o jogo, ficava cometando quem perdia, era bem engraçado. Ao mesmo tempo em que ele jogava e fazia isso na rua, a gente teve uma época que fez isso no videogame. Era engraçado. Eu fui ganhar videogame... aí tinha um amigo que chamava Eduardo também, que morou um tempo... meu vizinho do outro lado. Tinha um terreno baldio do lado de casa e depois era essa casa. Ele tinha um Master System e a gente tinha uma proximidade de gosto, então eu ia muito na casa dele jogava muito com ele, fiquei muito próximo dele nesse tempo que ele morou lá; mas ele não morou muito tempo, acho que morou uns 4, 5 anos.

P1 – E quando é que você começou a ir pra escola?

R – Eu comecei numa escola que se chama Escola do Sítio, era uma escola de pedagogia mais alternativa, uma escola bem do sítio, tinha cavalo, a gente andava a cavalo, subia em árvore, bem solta. Mas eu comecei maternal, né, dois anos, eu acho. Meu irmão... eu fui até a pré-escola nessa escola, o meu irmão foi até a quarta série então, eu acho, fazendo um paralelo; ou até a terceira. E aí a gente mudou pra um outra escola, que foi onde eu fiz o meu, hoje, ensino fundamental, era o Colégio Progresso, que era no centro da cidade. E aí tinha isso: a gente ia de carona pra Escola do Sítio, muito novo, tenho boas lembranças, mas poucas lembranças. E depois a gente foi pro Progresso e no Progresso era uma dinâmica mais diferente porque ele era no centro da cidade, dava uns sete quilômetros de casa, talvez, então tinha que pegar ônibus. É muito engraçado porque a gente teve essa autonomia desde muito cedo, eu não consigo dizer de quão cedo, mas acho que lá na quinta série, com 10 anos, talvez um pouco antes, eu já ia de ônibus sozinho, eu e minha irmã. Aí a minha irmã foi começando a ficar irritada porque eu não conseguia acordar tão cedo quanto ela e ela se atrasava por minha conta. Ela começou a ir no horário dela e eu ia no meu e... desde muito cedo, né, se pensar hoje, é difícil. Fazendo uma relação com o meu filho, de dar essa ideia dele pegar ônibus com passe e ir pra onde ele... eu ia pra onde eu quisesse, na época. Pegava meus passes, tinha contado lá, mas eu fazia meu caminho. Aí nessa fase também tinha um amigo da escola... tinha uma época que eu frequentei muito a casa dele e ele jogava videogame, eu também ia lá jogar. Aí eu passava... só que eu não avisava, não tinha celular na época, era uma coisa meio do telefone, dependendo de onde você estivesse não tinha como ser contactado. Aí, às vezes eu demorava um monte pra chegar em casa, chegava à noite, minha mãe ficava irritadíssima. E ela falava sempre... hoje, transportando a sensação que ela tinha, eu fico imaginando como é que não é, né, você ter uma criança que não chega e que você não sabe onde está. Ela ficou muito... a gente até brinca... teve uma atitude em que ela foi até muito brusca. Uma noite eu cheguei em casa e tinha umas malas prontas e falou: “Olha, não dá pra ficar com você, você não respeita, você não chega. Eu vou te levar embora.” Foi um susto gigantesco, porque eu fiquei... chorava, abraçava: “Não, pelo amor de deus, eu quero ficar aqui, não quero ir embora.” Acho que serviu de lição, mas eu achei que foi um método muito traumatizante. Foi definitivamente muito marcante ter suas malas arrumadas quando você chegava em casa. Mas entendendo também essa questão da autonomia, ela me deu muita autonomia e a hora que eu me apropriei dela ela teve problema com isso porque também não tinha tanta autonomia assim, não tinha tanta condição.

P1 – Você teve que guardar tudo depois no seu armário?

R – Nem lembro, foi tão desesperador que eu só parei no agarrado “não quero ir embora.” (risos)

P1 – Eu queria voltar um pouquinho pra essa Escola do Sítio. O que você lembra? Você disse que tem boas lembranças.

R – Tinha um cavalo branco que chamava Estrela, que a gente andava. Acho que a minha infância teve muito essa questão de... não sei se é uma questão da minha mãe, minha mãe tem essa questão do campo, de coisas mais naturais e tal. Aí a gente sempre andou de cavalo na escola e a gente, nos passeios de família, Poços de Caldas, Águas de Lindóia, era um passeio comum levar a gente e andar de cavalo. Então eu sempre soube andar a cavalo. É uma coisa que nem todo mundo tem isso, mas a gente sempre andou, enfim. Brincava de pegar o cavalo e sair andando apostando corrida um com o outro. Então tinha esse cavalo branco, Estrela, que foi muito marcante.

P1 – Depois, na outra escola, você lembra o que de lá? Alguém te marcou? Professor?

R – Bom, na outra escola a gente teve... o uniforme é marcante, né, que na outra escola não tinha, era branco, com um pêzinho aqui, muito louco. E passou, né, fiquei da primeira à oitava série lá, sempre no azul e branco. Ah, tive alguns professores que marcaram. Acho que uma coisa que marcou muito foi... eu nunca fui uma pessoa de trabalhar em casa, de fazer lição de casa, até por conta disso, tinha muito gosto por televisão, essas coisas; eu tinha muita dificuldade de me concentrar. Mas eu sempre fui uma pessoa muito concentrada em aula, então, por mais que eu tivesse dificuldades em algumas matérias, disciplinas... como é que se chama mesmo isso na escola? Não sei (risos). Eu era uma pessoa que prestava muita atenção em aula, sempre tive facilidade pra matemática, matemática e ciências nunca foram meu problema. Tinha, talvez, um pouco mais de preguiça e dificuldade com o português, acho que nunca nem entrou na minha cabeça oração adversativa, essas coisas pra mim, até hoje, é um grande vazio. Escrita, pra mim, é muito mais uma coisa de... talvez por isso eu não escreva tão bem, né. Eu preciso de muita gente dando força nas minhas acentuações, nas vírgulas e tudo o mais. Mas eu prestava muita atenção em aula, então o que me marcou muito dessa fase... e minha mãe tinha muito essa postura. Eu me lembro de levar a questão de... toda vez que você não fazia três tarefas de casa você ganhava um bilhete pra sua mãe ser notificada: “Olha, seu filho não fez a lição de casa.” E ela assinava, acho que eu tinha uma pasta que tinha um bolão de ficha assim. E ela falava muito com as professoras, na época: “Mas qual o problema? Ele está com dificuldade? O que está acontecendo?” E não tinha muita dificuldade, a questão e necessidade do reforço não era o problema, eu prestava muita atenção em aula, era muito atento, muito focado. Mas isso era uma constante, isso é uma coisa que marcou muito a minha infância. Hoje, quando eu estou indo buscar escola pro meu filho agora, ele tem três anos... escola não, né, pré-escola, e aí algumas escolas já com três anos, falam: “Olha, a gente já manda lição de casa.” Aí eu falo: “Putz, não consigo pôr meu filho numa escola onde com três anos a criança já tem que levar lição de casa, sem nem saber o que é isso.” Pra ele não vai fazer diferença nenhuma, vai fazer... não tem nada pra fazer em casa. Então, essa é uma questão que com a minha esposa a gente tem conversado. Por mais que ela seja uma pessoa certinha, que fez lição de casa a vida inteira. Então eu fazia muito a lição de casa no intervalo, pegava ali, fazia rápido. Às vezes começava a aula e eu fazia a lição no início de aula, na chamada, pra não levar o bilhete pra casa. Então tinha essas... às vezes sem ter feito a lição eu ajudava a corrigir e fazer na lousa, que também era uma coisa que minha mãe falava: “Ele não faz a lição, mas corrige na lousa. Tem algum problema aí ou não tem? O que está acontecendo?” Então tinha essa questão. E nessa escola teve um... foi quando eu tive o primeiro contato com o basquete. Também nessa época acho que a Band negociou com a NBA, começou a transmitir, foi a época do Michael Jordan, ou pelo menos parte da época do Michael Jordan. E aí eu tive um professor de educação física muito legal, que começou uma escolinha de basquete. Eu fiz parte dessa escolinha de basquete desde a quinta até a oitava. Então aí que eu comecei um pouco a me aproximar do basquete. Na verdade, foi aí e acabou aí. Depois eu não fiz... não treinei mais. Jogava muito nos times de escola, mas depois do fundamental não era uma coisa estruturada com treino, com professor, era uma coisa muito... no colégio técnico já era mais cada faz o seu, treina se quiser, se não quiser faz só a aula de educação física e tá tudo bem.

P1 – Você teve um ídolo no basquete nessa época?

R – Eu nunca fui o cara de torcer pra massa, né, acho que também um pouco por conta da minha mãe, dessa questão do “onde está todo mundo às vezes tem que ver porque está todo mundo”, essas questões de contexto e tudo o mais. Então, na época em que o Michael Jordan era o máximo, e ele era o máximo, né, ele era o cara, da hora, eu gostava do Magic Johnson, que também era o cara, mas ele era o cara menos; já era o cara em fim de carreira. Mas não tinha como, os amigos da rua... eu sempre era do contra, os amigos da rua torciam pro Bulls e eu torcia pro Lakers. Os dois amigos eram são-paulinos e eu era bugrino, Guarani de Campinas. Então tinha... era porque era mesmo, eu não sou mais, acho que nem o Guarani é mais time, né, tadinho (risos). Tinha essas questões. Mas na rua era muito louco. Teve uma época em que o Guarani estava muito bem, que o Djalminha jogou lá e tal, época em que o João Paulo e o Evair jogaram, o time estava muito entrosado. Meu pai sempre gostou de levar a gente no campo, então a gente ia muito no estádio. E era muito legal ir no estádio, não tinha muito a questão com a Ponte Preta, essa rixa que tem na cidade. Eu nunca fui uma pessoa de rixa futebolística de ir até as últimas consequências, então pra mim era uma coisa muito tranquila. Mas nessa época tinha isso, né. O Romário na Copa de 94, com os gols dele, também foi muito marcante pra mim, com relação ao desportivo.

P1 – Então você já tinha um esporte preferido nessa época?

R – É, não sei se preferido, porque não tinha escolinha de outra coisa. Abriu a de basquete e ficou a de basquete. Eu gostava de jogar tudo, então o basquete acabou... acabei assumindo e depois... eu sou um pouco mais alto que a média, então isso também facilitou algumas coisas. E dificultou algumas coisas também depois, né, porque... enfim, o treino pra gente... agora, depois que eu formei em educação física, a gente olha pra trás e fala: “Você me treinou como um pivô, mas eu não tenho altura pra ser pivô.” Então meu treino não foi adequado e eu não consegui fazer outras coisas. Eu tenho menos habilidade pra bater bola, pra conduzir bola porque eu poderia ter treinado mais e ter tido, talvez, mais tempo de experiência no basquete.

P1 – Eu queria te perguntar como é que era a relação com o seu pai, depois da separação.

R – Meu pai, durante muito tempo, ele foi nômade, não parava muito tempo nas cidades em que ele ia. Então ele arrumava um emprego, ficava um tempo, depois arrumava outro emprego e mudava. Então ele morou um tempo em Curitiba, a gente foi visitá-los algumas vezes, era legal. Depois ele morou em Limeira. O meu pai... a gente tinha uma vivência muito de fim de semana, né, que por um lado era muito bom. A gente ia pra lá e ia curtir, a gente fazia... ele morou sozinho durante muito tempo, desses... até os 14 anos... acho que os 14 anos na minha vida é um marco, né, porque foi o tempo que eu morei nessa mesma rua e aí depois disso a gente mudou daí e a história mudou um pouco. Mas teve muito essa questão dos fins de semana, então era sempre passeio. Na época em que ele morou em Limeira a gente ia pros clubes, era muito legal, era bacana. Teve um momento em que, por volta também de 94, que teve uma fase difícil, estava difícil de arrumar emprego, foi quando ele mudou pra Alfenas e a gente teve... acho que Pirajuí, Pirajuí na memória dele, de todos os lugares que ele passou é o que ele menos gosta. Eu nem achava tão ruim, pra mim era legal. Meu pai tem muito aquela questão do baralho, sempre jogou muito baralho na casa dele. Ele tinha muito disco, meu pai gosta muito de música, então a gente ficava brincando com os lps na casa dele. Brincava de adivinhar músicas, cada um pegava um disco, eu e minha irmã. Então, esse período do meu pai, é muito uma vivência eu, meu irmão e minha irmã. A gente tinha uma proximidade porque

também não tinha amigos, meu pai mudou muito também e cada hora era uma vizinhança nova. E meu pai é muito de churrasco, então churrasco lá em casa dura cinco horas, tem muito essa questão de quase que passar um fim de semana fazendo churrasco. E pra mim era uma coisa muito legal, eu gostava muito. Talvez essa descoberta da cozinha pelo meu pai e... eu gosto muito de cozinhar também, talvez um pouco por isso, é legal. Ele foi começando a fazer coisas que ele gostava de comer depois que ele ficou solteiro. Minha mãe cozinha muito bem também, então sempre quem fazia os almoços e jantares era ela que fazia. Aí, quando o meu pai ficou solteiro ele começou a se ver fazendo essas coisas. Então teve um período de experiência, de buscar, de experimentar, buscar essa raiz alemã dele, fazer chucrute, pegar salsichão, sempre tinha essas coisas na casa dele. Essa questão do sul, do churrasco e tal. Então era bacana.

P1 – Além dessas viagens de visita ao seu pai, vocês viajavam muito nas férias?

R – As férias a gente passava muito na casa dos meus tios, acho que era o momento da gente se aproximar da família, mas também de forma muito autônoma. Muitas vezes a gente ia sozinho, eram 16 horas de viagem, 14 horas de viagem de Campinas até Joaçaba, que era onde era a família da minha mãe, né. Porque a família do meu pai, como os dois irmãos, a irmã e o irmão dele mais velho são muito mais velhos, meus primos também são muito mais velhos. Então, meu irmão tinha alguma proximidade, mas mesmo assim eles têm 10 anos a mais, então não dava muita liga. A família da minha mãe tinha muito primo da mesma idade, então a gente passava férias, meses, um mês e meio na casa desses tios, primo. E como era todo mundo da mesma cidade, uma cidade pequena, a gente ficava meio que transitando de casa em casa, ficava um pouco na casa de um, depois na casa de outro. E aí a gente ia se divertindo desse jeito. Era muito diferente porque Joaçaba é Santa Catarina, Santa Catarina é muito frio, então a gente ia nas férias de julho e era um frio, neblina na cidade, saía de cobertor pra rua, era muito engraçado. E as casas todas diferentes, de madeira, tinha muita casa de madeira lá. Natal era muito na casa da minha avó, mãe da minha mãe, então a gente passava muito com eles. Acho que Ano Novo a gente passava lá. Meus avós também são poucas as memórias porque eles morreram quando eu era muito jovem, não consigo nem precisar direito quando foi que eles morreram, mas foi muito cedo. Meu avô, acho que o primeiro avô a falecer foi o pai da minha mãe, aí minha avó ainda ficou em casa um tempo porque ela teve câncer, tratou no hospital da Unicamp, então conviveu um pouco em casa, mas não foi muito. E os pais do meu pai eles foram pra uma casa de... eles tinham uma casa na praia que a gente visitava, a gente tem pouquíssima... eu lembro do beiju, o beiju de Santa Catarina é muito melhor, ele é beiju de folha, não é aquele enroladinho, então ele é mais doce, ele é delicioso. É um sabor... hoje em dia eu busco ele no semáforo, aquele enroladinho, e ele não tem o gosto. Eu sigo tentando (risos). Então tem essa memória da praia. E aí depois eles foram pra essa casa de repouso e aí eu acho que quando meu avô morreu foi muito rápido, não sei se foi minha avó, mas um morreu e o outro morreu logo na sequência. Foi um negócio muito de companheiro, assim, o outro deprimiu e não ficou. Então isso foi... e sem muito convívio. Lembro muito pouco, lembro da gente indo pra casa... lembro mais deles até, lembro mais da morte deles do que da morte do meu avô, pai da minha mãe e da minha avó, mãe da minha mãe. A mãe da minha mãe teve uma questão de sofrimento também, foi câncer, teve um estado em que ela ficava de cama, a gente ia visitá-la, teve a questão da dor, de reclamar de dor, isso era muito difícil. Mas eu lembro da brincadeira do meu tio, irmão do meu pai, que também faleceu, teve acho que leucemia, também uma coisa super rápida. Mas ele brincando na partilha, que ele tinha achado um galão de vinho no quarto do meu avô e da minha avó, eles estavam falando dos móveis, tal, ele tomava o vinho e ficava brincando que estava bêbado e tal. É um pouco a lembrança que eu tenho desse desfecho aí.

P1 – E você disse que se mudou com 14 anos, não foi?

R – Isso.

P1 – O que aconteceu esse ano?

R – Então, essa fase foi a fase em que eu tive um cachorro, com 14 anos eu estava terminando a oitava série, adolescência, começando a criar o grupo de amigos, um super vínculo, os melhores amigos da vida. Começando a achar as meninas mais legais, querendo sair pra, enfim, curtir. E aí minha mãe veio com uma história de... eu falei do cachorro que morreu, né? Nessa fase que eu peguei o cachorro ele acabou sendo atropelado dois meses depois, e foi junto dessa fase que a minha mãe estava querendo ir pra Europa. Então ela falou que a gente ia mudar e eu não queria porque tinha o cachorro. E até a questão da providência divina do cachorro acabar desaparecendo da história, mas eu lembro que eu briguei muito com ela porque eu não queria ir, que eu queria ficar e não queria saber de viajar com ela, que o problema era dela, que eu não tinha nada a ver com isso. Ela ia pra Paris e eu não queria nem saber de ir pra Paris. Olha que louco (risos). Aí também não teve muita decisão, minha mãe foi em setembro, que é a questão do ano letivo deles, de acertar, e ela deixou a gente com uma incumbência que era passar de ano até novembro. Não podia ficar de recuperação pra poder chegar na França e tentar matricular em novembro, já no ano seguinte ao que a gente estava. Minha irmã foi lá e parabéns, e eu não fiz umas lições de casa, não fiz os trabalhos de casa e aí derrubei minha média, passei em quase tudo, fiquei só com uma que eu tinha um problema que, de fato, era um trabalho de casa que eu tinha... era uma prova que eu não estudei, não tinha uma nota tão boa e não sustentou o meu trabalho de casa não feito e aí eu não passei. Ela ficou meio possessa, eu lembro disso. Até hoje, na verdade, ela fica possessa e fala sobre isso. E aí a gente ficou dois meses aqui, na casa de uma amiga, de uma colega dela de faculdade, morando, pra gente poder ir pra lá. Então foi quando a gente viajou. Na época foi uma coisa meio surreal, não era uma coisa tão comum. (pausa, bebe água) Não era uma coisa tão comum de viajar pro exterior, a gente ficou se preparando um tempo, fazendo francês, mas não foi tanto tempo assim, acho que deu uns seis meses, talvez, de intensivo de francês; fazia todo final de semana, 4 horas. E foi essa mudança porque tinha essa casa como referência, esse grupo de amigos como referência e aí quando a gente chegou lá e acabou se matriculando, a minha irmã se matriculou no primeiro ano do ensino médio e eu me matriculei no que eles chamam de terceiro ano, enfim, no esquema francês de ensino, que era o equivalente à oitava série. Então, por um lado pra mim foi bom porque não tinha... o currículo não era muito diferente, então não tinha quase nenhuma diferença do que eu estava aprendendo aqui, era tudo matéria conhecida, tirando a parte de história e geografia, que muda um pouco por conta da localização. Mas foi bom, a escola era próxima de casa, era super próximo, duas quadras de casa. A gente morava perto da Gare du Nord, que é um hub de transporte legal, perto do Sacré Coeur, que é uma igreja super bonita. Então foi uma loucura também, na adolescência você descobrir um pouco... andando pela cidade. Eu me lembro que eu tinha um patins e patinava a cidade inteira, porque Paris também é muito... a área de Paris, que se considera Paris é muito pequena, então dava pra andar a cidade inteira, não tem muita subida e descida, é muito plano. As calçadas, a maioria delas, era com asfalto, então dava pra patinar a cidade inteira. Então eu lembro muito disso. O estudo lá funcionava de uma forma muito

legal: eu entrava numa classe pra pessoas que não falavam francês e aí você entra numa aula de francês e quando o professor achava que você estava num nível legal ele ia te colocando nas disciplinas que ele achava que dava. A primeira disciplina que você entra é matemática porque são números, é uma coisa muito mais fácil de lidar, é uma outra linguagem que não é o francês. Aí você vai ganhando essas outras disciplinas. Acho que a última disciplina que eu entrei foi história. Mas foi muito engraçado, apesar da minha dificuldade com a história aqui no Brasil, lá era uma disciplina muito... não sei porque, mas eu tinha muito mais interesse lá, era mais... era muito Segunda Guerra também, né, eles tinham aquela vivência da Segunda Guerra. A Segunda Guerra aconteceu lá, a França foi dividida, tinha o controle dos generais, a resistência, então era uma coisa muito detalhada. Eu fiquei muito feliz quando eu consegui passar de ano lá. Como eu não passei aqui, eu precisava passar lá, em algum lugar eu tinha que passar de ano (risos), se não eu não voltava pra cá. E aí a minha... eu fiquei muito feliz quando eu consegui tirar boas notas de história lá, porque você tinha que escrever muito, escrever em francês, que já era uma dificuldade; e num tema que, aqui, pra mim não era tão simples.

P1 – Além do patins, o que mais você gostava de fazer em Paris?

R – Na época, 20 anos atrás, né? Fnac era o máximo, ainda não tinha aqui no Brasil e lá já existia, já era... ela é francesa, já era super legal. Então, na Fnac tinha um pouco essa história de você ir pra loja e sentava. Tinha videogame, eu jogava videogame, tal. Era um passeio comum, às vezes, que eu saía da minha casa e tinha uma Fnac que era perto da Catedral de Notre Dame, então eu ia patinando pra lá, ficava um pouquinho ali, brincava um pouquinho. Tinha um jogo de computador que ficava lá e eu jogava um pouco. E saía, né, visitava igreja, ficava passeando pela cidade mesmo, bem solto, bem tranquilo. Isso era uma coisa que eu fazia que eu gostava muito. Acho que essa questão de... é louco porque, apesar de 15 anos, você vai pra lá e já vai um pouco com essa ideia de que tem que ver tudo. E como você tem 10 meses, eu tinha de 10 meses a um ano pra ficar lá, eu acabei que não fiz muita coisa. Eu fui nos pontos muito conhecidos, mas não fui em muitos pontos conhecidos. Eu lembro que tinha uma torre que foge da arquitetura da cidade, que é a torre de Montparnasse, que é gigante, é uma torre de vidro, modelo normal, não é aquele modelo medieval. Porque a cidade de Paris tem essa arquitetura mais antiga e eu nunca tinha visto essa... fiquei 10 meses lá, é uma região legal, que tem uns restaurantes e tal. Desses 10 meses eu nunca tinha ido pra lá. Depois que eu voltei eu falei: “Não, eu preciso ir.” E eu já fui pra Paris umas três vezes e nunca subi na torre. Não é por falta de vontade, mas eu acho que eu nunca subi; vou deixando pra depois, pra depois, pra depois e não... então tem um pouco essa... isso era uma coisa que eu gostava muito de fazer, né, andar pela cidade. Ir pra perto da torre, porque aí tinha um espaço liso que dava pra patinar legal e tal. Essa era uma das coisas que eu curtia.

P1 – E pra se adaptar à cultura, como é que foi?

R – Eu não achei... não sei... eu também não tenho grandes amigos, né, assim, não criei grandes laços, grandes vínculos lá, então das pessoas que eu encontrei lá, todas ficaram lá mesmo. Apesar de lembrar o nome de algumas e tal, eu não tive muito... mas era tranquilo. Por um lado, de certa forma, ficar segregado na classe dos que não falavam francês, era uma classe heterogênea, tinha gente de tudo quanto era idade. Tinha moleque que tava na quarta série, tinha eu que estava na oitava, tinha outra menina que estava na oitava, então era muito misturado. Tinha muito imigrante árabe. O meu professor de francês, esse cara era muito louco porque ele talvez tinha um preconceito contra os árabes, mas os árabes provocavam muito ele também. Mas ele chegou a dar tapa na cara de um moleque na aula, foi uma coisa muito surreal pra mim. Acho que é surreal até hoje, né, mas eu lembro dele sair na mão, de dar um safanão no moleque na sala e a gente assim, parado. A sala era toda em u, né, e eu não sei se ele já não estava mais motivado, qual a história dele, mas era muito punk. Por um lado, como eu me saía bem, enfim, eu era meio que o queridinho dele, então tinha também essa questão, era muito tranquilo. Aí, no sistema de ensino deles também... é curioso, o sistema de ensino deles era uma questão de recomendação, né, se você passa de ano ou não é uma recomendação e aí, quando terminou o ano, a recomendação dele era de que eu continuasse na oitava série. Eu falei: “Professor, assim não dá. Você quer acabar comigo.” “Mas você não vai voltar pro Brasil? Você não vai voltar pra oitava?” “Não, eu saí de lá na oitava, vim pra cá na oitava. Se eu voltar pra lá na oitava não vai dar, né?” Ele: “Ah, não, então tá bom.” Eu lembro que ele rabiscou, era uma coisa escrita à mão, ele rabiscou e mudou e assinou. Eu brinco até hoje que eu acho que eu não tenho a oitava série legalmente falando, mas eu acho que depois que eu fiz o colegial aí acabou essa história, não vou perder meu diploma mais. Meu documento de... meu diploma... sei lá que documento que é esse, que foi validado, era muito... eu não sei se eu tenho a oitava série. (risos)

P1 – Aí você voltou pra cá, pro Brasil?

R – É, isso foi outra coisa interessante porque minha mãe queria muito que eu prestasse o vestibulinho, na época, pro colégio técnico. Somos em três irmãos, minha mãe foi pra França e levou dois, foi eu e minha irmã; meu irmão ficou. Se eu tinha 15, meu irmão tinha 18, né, 19. Ele ficou, ele estava fazendo colégio técnico, ficou fazendo colégio técnico e ele começou a fazer pré-vestibular pra prestar medicina, porque ele queria fazer medicina. Então ele não morou com a gente lá, ele passou um tempo depois que ele terminou o ano aqui, começou a fazer o cursinho pré-vestibular e passou um tempo lá. Essa escola que ele fez, o ETECAP, era uma escola que a minha mãe gostava muito. Tinham dois colégios técnicos em Campinas que eram o ETECAP e o COTUCA, um colégio técnico da Unicamp. O ETECAP era um colégio técnico estadual. Ela queria que eu entrasse em um dos dois, provavelmente porque ela não queria mais pagar mensalidade, porque a escola era caríssima, e porque era uma educação que ela confiava, que era boa. Aí então eu vim mais cedo do que a minha irmã, porque a minha irmã já estava no ensino médio, então ela não poderia fazer o vestibulinho, pra fazer o vestibulinho. Aí ela ligou pro meu pai e eu fui morar com o meu pai. Então, um pouco antes da gente viajar... acho que a minha irmã é de 94, a filha do meu pai, acho que sim. Pouco antes da gente viajar, o meu irmão foi visitar meu pai e voltou dizendo que meu pai tinha uma filha (risos), então foi uma coisa meio assim: “Ahn? Como assim tem uma filha? Como assim, casou? Nem sabia que ele estava com alguém!” E aí aparece a Marina, minha irmã mais nova. Aí, quando eu voltei da França, a Marina tinha um ano e pouco, dois, então eu morei com eles de agosto até dezembro, janeiro, mais ou menos. E aí foi muito legal porque eu morei em Alfenas, tive um envolvimento maior com o meu pai. Meu pai já estava em uma outra fase, assim, ainda não tava tão estruturado financeiramente, mas estava morando com uma outra mulher, com a minha madrasta que se chama Néia. Então ele começou a criar uma outra família que até então não tinha, não tinha essa outra família. Foi muito legal porque eu passei muito tempo com essa irmã mais nova e, apesar de ser só meia irmã, a gente ainda assim... eu era o filho mais novo, ela passou a ser a mais nova. Eu tive um convívio muito legal com ela, brincando e brigando com uma menina de dois anos, mas que deu uma proximidade muito legal, morar esse tempo com ele. Aí eu fiz um pouquinho de oitava série de novo (risos).

P1 – Mas aí você fez o vestibulinho?

R – Fiz. Aí era um pouco esse desafio, né: fui pra Alfênas, meu pai me matriculou em uma escola lá que eu achei que não precisava, mas acho que ele não queria que eu ficasse sem fazer nada. Era o Poliesportivo. Poliesportivo? Ah, não me lembro, mas era alguma coisa assim, poli alguma coisa, que também era um dos colégios bons, mas públicos. E aí foi engraçado porque você muda completamente: eu tinha estudado em escola particular, fui pra França, uma realidade completamente diferente e aí voltei pra um colégio, que eu não sei se era municipal ou estadual, em Alfênas. Era uma loucura, assim, zona na sala, zoeira. E eu já estava... tudo que eles tinham pra passar pra mim já era pela terceira vez e com um pouco menos de profundidade porque era uma escola pública, com toda aquela dificuldade que os professores tem de fazer a escola pública valer de fato. Mas foi muito louco, foi a época em que eu merendava na escola, nunca tinha merendado até então. Então, lá eu tinha merenda, comia as coisas no intervalo, nos almoços, tinha almoço no intervalo, então foi muito legal. Eu criei uma turma em Alfênas, meu pai morou em Alfênas muito tempo e eu criei essa turma lá, saía com as pessoas, né, ia pra praça. Engraçado, ia pra praça no final de semana pra curtir. Minha mãe mandava... meu pai ainda estava meio complicado de grana e minha mãe mandava umas mesadas, então tinha um pouco de dinheiro pra me divertir com a galera.

P1 – O que vocês faziam?

R – Ah, coisas do interior. Não tinha muita opção: tomar sorvete, ir na pizzaria, andar. Aí com 15 anos muita gente... era louco porque era uma escola estadual e as pessoas que tinham mais condições também estavam na escola estadual, era uma escola heterogênea. Tinha um amigo que tinha dois carros, uma casa grande e estudava lá com a gente. Ele já dirigia e outro cara também já dirigia, então os meninos, com 16 anos, já dirigindo muito. Então, era legal, a gente pegava o carro, saía pra dar umas voltas. E muito fora da curva. Então foi muito legal. Aí arrumei uma menininha lá, foi uma paixãoite, aí ela estava com outro cara, ela largou o cara, a gente começou a sair e tal. Foi muito divertido. Aí, quando minha mãe chegou ela queria que eu voltasse. Nesse meio tempo eu terminei de novo a oitava série e o Objetivo de lá fez uma prova de bolsas. Eu fiz a prova de bolsas do objetivo e fui super bem, ganhei 60 por cento de desconto na matrícula e aí, quando minha mãe voltou, eu falei: “Eu não vou voltar.” Fiz o vestibulinho, passei no vestibulinho e eu falei: “Não vou voltar, não. Quero ficar aqui em Alfênas, aqui eu tenho meus amigos.” Adolescente, né? “Aqui eu tenho meus amigos, está muito legal.” Aí minha mãe é muito habilidosa, né: “Não, vem aqui, se você não gostar aí você volta.” Mas aí é só você encontrar outra turma, todo mundo entrando no colégio ao mesmo tempo, no ETECAP, foi muito... o ETECAP é uma escola muito diferente, né, é integral, então... eu lembro muito do meu irmão, quando ele estava no ETECAP, e a gente estava na casa da Matias Aires, que ele levava marmita. Então minha mãe preparava uma marmita, ele embalava e levava. E lá na escola, por ser uma escola técnica, tem muito a característica de fábrica também, então tem refeitório como se fosse refeitório de fábrica, com negócio de esquentar marmita. E meu irmão levava marmita, esquentava, comia. Isso, pra mim, era um negócio muito legal. Aí, quando eu entrei no ETECAP, eu também queria uma marmita, né, mas acho que a minha mãe já estava melhor, financeiramente melhor e falou: “Não, pega um almoço.” E eu ficava revoltadíssimo porque eu queria a porra de uma marmita, eu queria comer no negocinho de alumínio ali. Muitos dos meus amigos comiam e eu queria comer também, né. Eu não queria pegar marmitex, eu queria uma marmita de casa. Era muito engraçado. Era isso: você entrava oito horas da manhã e eram quatro blocos de duas aulas. Tinham duas aulas, um intervalo, duas aulas, o almoço, duas aulas, um intervalo, duas aulas e almoço. Então era o dia inteiro na escola, o dia inteiro. Era uma escola técnica de bioquímica, então mexia muito com química, laboratório, que era uma coisa que eu sempre gostava, sempre tinha gostado. Então foi legal trabalhar com reagente, com ácido, com base, fazer os experimentos todos. E era uma escola... as escolas técnicas tinham um financiamento diferente, então tinha... devia ter muito dinheiro, não é possível, porque tinha um campo de futebol, uma pista de atletismo, quadras, laboratório com os microscópios bons, então era um parque de diversão. E com essa super autonomia de você estar lá sozinho, por sua conta o dia inteiro. Então a gente... “O que você vai fazer no intervalo?” “Vamos jogar bola no intervalo.” “Não, bola a gente joga na hora do almoço, porque o tempo é grande. Vamos jogar bola depois.” E era uma escola grande, você circulava por ela inteira, tinha aulas nos laboratórios, tinha armário, você levava as coisas e colocava no armário. Tinha que usar jaleco no laboratório, tinha essa... talvez o modelo americano, você entrava na escola e você ganhava um armário com uma pessoa da sua turma que você dividia. Então, eu e o Ricardo, a gente dividia o armário. O Ricardo era um cara meio louco, era não, é ainda, mas ele é super divertido. A gente dividiu o armário em três anos de ETECAP. Ele falou: “Olha, vamos fazer um combinado aqui.”, eu falei: “O que?” “Fecha o cadeado sempre desse jeito. Sempre você vai fechar ele do mesmo jeito.” “Por que, Ricardo? Você está louco? Pra que isso?” “Toda vez que alguém abrir nosso cadeado a gente vai saber.” E dito e feito: você ia lá... eu nem pensava pra enfiar a chave no cadeado, né. Aí, quando não enfiava eu falei: “Ricardo, o que aconteceu?” “Não, eu emprestei a chave pro fulano porque ele foi pegar uma coisa no armário e tal.” Então teve essa fase. O ETECAP foi delicioso porque tem cara de faculdade, não era uma faculdade, mas tem muita cara de faculdade, tinha muita autonomia pra matar aula, pra fazer aula. Mexer com reagente químico, mais no terceiro ano, mas com ácidos fortes e tal, te dava um senso de responsabilidade maior. A escola passava um pouco desse senso de responsabilidade, mexer com fogo, a dinâmica de entrar no laboratório, o respeito de entrar no laboratório, a bancada, o que que pode fazer, não pode brincar misturando qualquer coisa, tem que manter a bancada limpa. Eu lembro que tinha um professor que falava isso, ele passava a aula inteira lavando a mão: “É porque eu sou químico, esse negócio de químico tem que estar sempre lavando a mão. Se você mete a mão no reagente e depois passa na cara e fica todo zoado. Então essa rotina era muito legal. Era um convívio... passava mais tempo na escola do que em casa, fazia muita coisa lá. Aí começou a sair, ia pra festa, balada.

P1 – Você saía muito?

R – Esses dias eu estava pensando um pouco nisso. Naquela época a gente... eu não sei como que é hoje porque eu também não tenho mais essa idade, mas a gente saía bastante até, ia pra balada, bebia, com 16 anos enchia a cara, 17. Tinha um amigo nosso que morava em Valinhos, uma cidade da região metropolitana de Campinas, pertinho, e tinha uma balada lá que chamada Planeta 7. Ele morava longe da balada, mas a gente ia na balada, virava a noite na balada e ia andando pra casa dele de manhã. Então era meio que uma rotina, foi uma aproximação com a cidade muito legal. E como o ETECAP tinha um pouco essa cara de faculdade, tinha um pouco também essa questão, tinha umas bandas que se formavam lá, o pessoal começava a tocar junto, tinha umas festas, era bem bacana.

(pausa; bebe água)

P1 – Então Eduardo, você estava falando do ETECAP ainda, né, mas e aí, no fim do terceiro ano, você já tinha alguma coisa na cabeça que você queria fazer?

R – Então, foi muito engraçado porque o ETECAP tinha um pouco essa cultura esportiva também de... participava de jogos, tinha os jogos das escolas técnicas e eu sempre participava. Desde a rua, tive um desenvolvimento legal na rua, aí depois, mesmo na França, tinha lá uma escolinha de basquete, na França eu jogava basquete, brincava com a galera lá, era bacana, rolava. Depois, no ETECAP, as aulas de educação física tinham um pouco essa característica de tentar ver quem era bom pra fazer as coisas e selecionar pra participar de jogos, não era muito uma aula de educação física, mas era legal. Tinha até essa questão do vestiário, que era uma coisa muito louca, a gente fazia e tomava banho, que é super fora do comum. Então eu participei, joguei, brinquei. Aí, quando eu saí do ETECAP eu prestei vestibular pra Química, na USP-Ribeirão e pra Educação Física, na UNICAMP, noturno. E aí eu saí do ETECAP e arrumei uma vaga de estágio na Danone, na Campineira, que é uma fábrica de biscoito, bolacha recheada e tal. E aí eu consegui um estágio na Danone e passei na USP-Ribeirão em Química. O meu irmão fazia Medicina em Ribeirão e aí eu passei na USP-Ribeirão, em Química e passei na UNICAMP, em Educação Física, noturno. E o estágio pagava bem, o estágio em indústria pagava legal. Aí eu resolvi terminar o estágio porque você sai auxiliar, você sai do colégio técnico auxiliar de laboratório e se você fizer um ano de estágio você ganha o diploma de técnico. E eu pesei, falei: “Ah, acho que eu vou ficar por aqui. Vou fazer o estágio.” Porque aí a faculdade era a noite, casou tudo, eu falei: “Vou ficar por aqui mesmo.” E aí eu comecei a trabalhar na fábrica. O estágio era só de mentira, só pra pagar menos, né, pra você trabalhar na fábrica. E eu fazia Educação Física, porque a Campineira também... enfim, aí eu voltei de Paris e mudei pro centro da cidade, pro Cambuí, que é uma região mais ou menos nobre da cidade. Na verdade, eu morei no centro, Cambuí foi depois. A gente mudou pro centro e enquanto eu estive no ETECAP eu fiquei no centro, minha mãe comprou este apartamento no centro e aí fechou a conta, né. Eu saía do centro, ia até a fábrica, que era no meio do caminho. Tem uma estrada que liga Campinas a Barão Geraldo que é o Tapetão e a Campineira fica no meio do Tapetão. Então eu parava, trabalhava, saía e ia pra UNICAMP e voltava. Tive minha experiência de três turnos.

P1 – Deixa eu só voltar um pouquinho. Como é que foi a segunda fase da prova de Educação Física?

R – Ahn?

P1 – Como é que foi a prova da segunda fase de Educação Física?

R – Da Educação Física?

P1 – É.

R – A Educação Física, na UNICAMP, a segunda fase ela é... boa pergunta, já não lembro mais.

P1 – Tinha prova física?

R – Não.

P1 – Não?

R – Não.

P1 – Entendi.

R – É diferente da USP. A USP tem, na UNICAMP não tem. Eu não sei nem se... tem segunda fase? Claro que tem, né, porque a primeira fase tinha redação e conhecimentos gerais e a segunda fase era uma coisa meio específica, assim.

P1 – Entendi.

R – Mas eu me lembro que eu não zerei em física, mas tava muito difícil. Eu não tirei uma boa nota, mas... aí eu lembro que eu brincava com o pessoal, assim, pra fazer... eu passei na primeira chamada e tal, mas não tive uma nota boa, foi uma nota... sei lá, de 0 a 100 eu acho que fiquei nos 46, assim. E ninguém tira 100 na UNICAMP, nem na USP, ninguém gabarita. Tô aqui me defendendo do 46 (risos). Tinha uma nota de corte muito baixa o curso de Educação Física noturno, e eu brincava que se você quisesse fazer universidade pública, de repente vale a pena escolher um curso que seja mais fácil de entrar e depois tentar brigar pra mudar de curso dentro da universidade, porque às vezes você até consegue pegar uma ou outra disciplina, outra formação. Então aí eu entrei. Eu não me lembro como é que foi a segunda fase, mas...

P1 – Mas como é que era então o trabalho lá na fábrica?

R – Eu trabalhava com análise de esgoto, análise de efluentes, e a Danone, a Campineira porque agora não é mais Danone lá. A Campineira, o dono da Campineira é um cara português que criou a Campineira. A Campineira tinha umas balas que, quem é de Campinas conhece, que é a bala Maluquinha, que é parente do Juquinha, só que muito melhor. A Maluquinha era fantástica, a Juquinha é mais ou menos. Sabe aqueles caramelos de palito Zorro? É de lá. Então, esse cara construiu esse império, era a Triunfo. A Triunfo foi um biscoito super conhecido e teve uma época em que ele rivalizou com a Nestlé. Um cara daqui do Brasil, com uma fábrica, fazendo um negócio que rivalizou. Aí acho que ele cansou, era um empreendimento pessoal, ele que construiu a fábrica e os filhos não queriam. Ele vendeu, mudou de ramo e a Danone comprou, porque

ela queria se estabelecer nesse mercado. E aí, a gente... era muito legal, assim, prum adolescente... era legal e não era, né, porque fábrica é um negócio muito rotina, é muito rotina, você não faz ideia o quanto que é rotina. Então eu tinha 18 anos, chegava de manhã, passava o cartão, ia pro laboratório, arrumava o espaço de análise, descia pra estação de tratamento, que era uma estação legal, pegava o esgoto a ser analisado, levava pra cima, fazia as filtragens, colocava na... esqueci o nome do equipamento. Colocava no equipamento pra rodar, dava um tempo, tirava, pesava, media, tal e conseguia ter o resultado. E o esgoto industrial, de indústria de alimentos, de bolacha, o maior problema dele é a gordura porque a matéria-prima dessas fábricas é gordura, né. O biscoito recheado é gordura que é o recheio, só. E uns farelinhos de fruta e um cheirinho e uma corzinha. Então tinha muita ociosidade porque eu tinha que esperar correr a amostra, né, correr o... esqueci o nome do negócio, daqui a pouco eu lembro. Então era muita espera, eu pegava, fazia isso... e tinha uma galera que... eu trabalhava pra estação de tratamento de efluentes, que ficava no setor de segurança do trabalho, e tinha uma galera... e a planta virava 24 horas, então o pessoal que trabalhava embaixo na planta, que fazia a gestão, que regulava o PH, que via se a filtragem estava acontecendo direito, que desentupia os canos, que cuidava da planta, pra ela não parar, eles trabalhavam dois por dois. Então eram duas pessoas de dia e duas pessoas à noite e eu encontrava as pessoas do dia. Tinha um cara que era super meu amigo, que chamava Luís, chamava não, chama ainda. Era o cara com quem eu... tinha mais ou menos a mesma idade, trocava ideia, era um cara também batalhador, começou no chão de fábrica fazendo peão normal e aí ele quis mudar, quis ir pra planta ganhar um pouco mais. Porque aí ganha insalubridade (risos). Trabalhar dois por dois, porque aí o cara trabalha dois turnos de 12 e folgava dois dias. E a gente criou uma amizade muito legal. E aí eles queriam mudar o sistema de funcionamento da planta, automatizar a planta pra tirar funcionário e enxugar custo; e aí ficou só o Luís. Aí depois eles demitiram o restante da equipe inteira e ficou só o Luís. Então eu fazia isso tudo, deixava, tinha que ficar três horas rodando, descia e a gente ficava conversando. Conversando, brincando, tal. Brincando mesmo, a gente ficava brincando na fábrica. E aí a gente passava parte do meu tempo conversando com ele. Eu tinha 9 horas pra cumprir uma rotina de 4, 5, né. Fora isso, eu tinha que fazer um pouquinho da análise da água da caldeira, dos secadores, tal, mas isso era uma coisa muito tranquila. E os reagentes que eles tinham eram muito ruins, então sempre os meus testes davam errado porque eu acho que o tratamento da água da caldeira era inadequado, algumas coisas eram inadequadas. Então, sempre dava errado, nunca funcionava, eu nunca consegui ter o resultado certo e aí eu fui desistindo de fazer. E eu falava: "Olha, não está dando certo, não está dando certo." E aí isso era muito legal, só que dava muito tempo ocioso. Eu me lembro que tinha um bosquezinho de eucalipto: "Olha, precisa cortar os eucaliptos aí." Eu falava: "Me dá o machado aí." Eu ia lá no negócio, cortava o eucalipto. Era um jeito de passar o tempo, né. Mas, ao mesmo tempo, essa rotina de fábrica é muito legal, entender como é que era o processo, chegava matéria-prima, caminhões, caminhões de gordura, caminhões de açúcar, caminhões de farinha, aí onde isto tudo ficava estocado, como é que se segura, trabalhar com reagente químico de verdade. O técnico de laboratório assina documento, assina a análise, então isso era muito legal. Eu lembro que a gente vai na faculdade e sempre quer perguntar como é que faz bomba, né, nunca ninguém quer perguntar como faz, sei lá, sal grosso. Aí explica o que é o TNT, né, TNT é trinitrotolueno, e aí: "Ah, você pega o nitrato, pega o tolueno, põe aqui, esquenta, tal." E o tolueno é um solvente super tóxico, né. O tolueno era o solvente que eu usava pra retirar gordura do filtrado do esgoto, então você se sente muito... ácido sulfúrico pesado. Dá uma responsabilidade ao mesmo tempo em que dá uma sensação de poder, né: "Nossa, to mexendo com umas coisas que eu poderia fazer uma bomba se eu quisesse." E se eu soubesse de verdade, porque eu não sabia. Era legal. E o convívio de fábrica, né, como é que é uma vivência numa fábrica, que é horário marcado, o pessoal que trabalhava na produção que tinha três turnos, de 6 horas, que tinha que pedir licença pra ir ao banheiro, tinha horário de banheiro, o cara ia lá, o folguista, né, que entrava... o cara tava lá empacotando aí vinha o folguista, o cara parava a máquina, saía, o folguista empacotava enquanto ele tinha 15 minutos de banheiro, saí pra fumar um cigarro. Então era muito legal. Na época em que eu estava lá, a Danone lançou um produto chamado Grand Dia, não sei se vocês... durou super pouco, né, lançou mas não vingou. Era uma linha de biscoito integral, que hoje está super comum, na época não tinha, era super raro. Agora tem biscoito integral, com grãos, tal. Era delicioso, muito bom. Eles fizeram todo um lançamento pra fábrica, pararam a fábrica, o diretor, que era francês, estava lá explicando o conceito, porque isso, porque aquilo, segmentação de mercado, pra convencer os funcionários, aí os funcionários podiam comprar. Como a Danone tem biscoitos internacionais, às vezes tinha uns... tinha um lugar refrigerado que ficava com os biscoitos Lu, tinha aquele Petit Prince, que era todo de chocolate, delicioso. Aí, quando estava pra vencer, o cara falava assim: "Ó, vai descartar!" Aí ia todo mundo pra lá pegar o Petit Prince e comer porque não tinha tanta saída. Você podia comer tudo na fábrica, então eu lembro que eu pensava 79 quilos quando saí do colegial e aí eu entrei na fábrica... fazia waffer, bolacha recheada, fazia... como é que chamava? Danix, que é aquele Passatempo da Danone. Teve uma época em que eles assinaram contrato com a Warner, então tinha figurinha, eu pegava bobina de figurinha e levava pra dar pra minha irmã, a Marina, que era mais novinha. Então tinha um pouco dessas coisas. Era muito legal ver... e comi muito. Entrei na faculdade e entrei na fábrica com 79 quilos e acabou o meu período na fábrica eu estava com 85 quilos. Eles começaram a experimentar uns sabores de goiaba, eu adorava waffer de goiaba, era uma delícia. Toda vez que saía era super raro, porque tem essa dinâmica de funcionamento: produz chocolate todos os dias, produz Cream Cracker todos os dias porque sai muito. O que sai muito produz todos os dias e alguns sabores eles produzem... porque tem que trocar a receita lá e produz de tempos em tempos. Então, goiaba fabricava uma vez a cada semestre quase, uma vez a cada três meses. Aí, quando fabricava, eu pegava 10 pacotes, estocava e ia comendo. Eu tinha um chefe que era meio fortinho, que chamava Alexandre, tinha feito ETECAP também. (risos) Enfim, essas coisas de fábrica, a gente tinha uma geladeira na planta de tratamento de esgoto, que era onde a gente colocava o esgoto porque ele tem que ficar refrigerado pra não deteriorar. Só que a gente usava pra geladeira também, então ficavam os esgotos e tinha umas frutas, um negócio meio nojento. Aí tinha um negocinho de gelo e eles estavam produzindo um... como é que chamava o biscoito, rapaz? Uma coisa D'Oro, não sei o que lá D'Oro, que era um waffer quadradinho, maior, assim, que eles faziam de chocolate branco. Daí ele virou pro Luís e falou assim... como é que ele falava? Negão, não. Sei lá, ele tinha um nome que ele chamava as pessoas, tipo cara, carinha. Carinha. "Oh, carinha, pega essa forminha de gelo aí e vai lá, enche tudo de chocolate branco e põe pra virar sorvete." (risos) Mas era gordura, então, quando ficou gelado era uma gordura hidrogenada, horrível. Eu lembro da gente comendo aquilo e falando: "Que ideia de jerico, cara! Não é possível que a gente está comendo isso." Mas era muito engraçado. Aí tinha coisas... eu lembro... a gente ficava na estação e a estação tinha um leito de secagem porque teoricamente chegava o esgoto e aí jogavam ar, a gordura mais sólida subia, aí dava uma raspada, a gordura sólida ia prum lado e a água ia pro outro. E os dois lugares onde elas iam era onde tinha os micro-organismos que faziam... iam destruindo aquilo e transformando em metano e tratando o esgoto. O que sobrava desse tratamento ia pro rio. Aí, essa raspagem da gordura, em determinado tempo ela ia pruns leitos de secagem e ficava secando, deixava. E aí era um material muito fértil, nasciam uns tomates, aí a gente colhia os tomates e fazia salada, mas passavam ratos lá (risos). Cara, adolescente, né! Que tristeza. Eu lembro do leito de secagem porque depois eles destruíram e fizeram uma reforma na estação de tratamento. Destruíram e fizeram uma lagoa. A fábrica acho que foi um período muito engraçado. Aí fizeram toda essa reforma: "Vamos tirar aqui, vamos fazer uma lagoa." Aí fizeram uma lagoa e aí colocaram uns aeradores, uma lagoa grande, impermeabilizou, bastante água, tal. Aí meu chefe olhou e falou assim: "Ô carinha, acho que essa lagoa aí precisa de uns pato." "O

que, Alexandre?” “Vamos pôr uns patos aí.” “Tem certeza?” “Tenho.” Aí pegaram os patos, sei lá se arrumaram ou compraram, colocaram quatro patos lá. Só que não cortaram a asa do pato, e pato voa. (risos) O pato ficava em cima da caldeira cagando em tudo quanto é lugar da fábrica. Eu lembro da gente correndo atrás do pato pra pegar e o cara cortar a asa (risos). Aí fizeram um abrigo pro pato. Aí o pato fez uma ninhada grande, botou 30 ovos, e aí... não tinha vida ali, né, então... aí acho que nasceu 13 pintinhos dos 30, aí o lagarto começou a descobrir que tinha, era um... tava no meio do mato, né, a fábrica terminava e começava uma fazenda. Aí o gambá descobriu, o lagarto descobriu. Aí tinha que caçar o gambá, o lagarto, proteger os ovos. Mas nasceu 12 patinhos, 15 patinhos. E aí não tinha como o patinho descer. Quando a gente comprou o pato e colocou o pato lá, o pato desceu pra água mas não tinha como subir porque tinha um degrau e não tinha... (risos) Aí o cara: “Faz uma rampa pro pato aí.” Aí o pato ficava na água e não conseguia sair, aí o cara construiu uma rampa e colocou: “E agora? Como é que ensina ele que tem que usar a rampa?” (risos) Aí, cara, foi divertido. Aí nasceu os patinhos, os patinhos começaram a ir pra água, aí ia 13 patinhos pra água e voltou sete. Aí no final das contas sobrou só três patinhos, mas aí virou uma família de patinhos feliz lá. Mas foi muito divertido, a gente tinha muito essa... era quase que uma gestão da planta, né, de limpar os espaços, aprender a trocar bomba, trocar encanamento. Esse meu chefe, o Alexandre, ele tinha umas ideias às vezes meio heterodoxas, assim, um negócio meio louco. Eu lembro de uma vez que ele queria aumentar a capacidade de armazenamento... “Não dá, foi construído por um engenheiro pra caber um tanto.”, ele queria que coubesse mais: “Não, então coloca lá um negocinho pra crescer mais.” Aí começou a dar problema, porque o gás não tinha por onde sair, aí começou a... espirrava aqueles toletes de gordura que caía lá de cima do reator, parecia chuva de merda, pó, pó, começava a cair. Começava a fazer uns barulhos de vulcão, eles olhavam e começavam a correr pra dentro da casinha e pó, pó, pó, começava a cair (risos). Fomos trocar um cano uma vez, tava todo mundo: “Não, o cano aqui tá muito ruim, vamos trocar. Como é que faz?” “Não, fecha o registro ali, fecha o registro ali, é só destravar aqui que resolve.” Aí eram uns reatores de 10 metros, 15 metros de altura, com, sei lá, 10, 15 metros de diâmetro, era uma vida de água que tinha lá dentro. Água não, né, de bactéria com esgoto sendo tratado, passando o tempo inteiro. A hora em que o cara tirou (risos) tirou o registro, parecia uma cachoeira de petróleo subindo, todo mundo tomando banho! Era uma delícia. Mas foi ótimo. Ao mesmo tempo era muito cansativo porque a gente ficava buscando trabalho pra fazer. Fazia encanamento, pintava, porque não era o meu trabalho, mas senão eu também ficava muito ocioso. Aí brincava de jogar pedra um no outro, né, assim, adolescente também, ainda muito imaturo pra estar lá. Aí, quando trocou a gestão, eu fui efetivado, me contrataram, mas me demitiram logo depois. Aí também eu já estava muito na educação física, eu não queria mais tanto estar lá. E era muito difícil esse negócio de trabalhar muitos turnos, né, mas eu trabalhei acho que seis meses ganhando, na época, mil reais, que me sustentou quase que a faculdade inteira depois. Aí teve rescisão, 40 por cento de multa, tal, isso me deu... morava na casa da minha mãe, um valor que era o valor das minhas despesas. Aí tinha um pouco dessa dificuldade, você na faculdade o primeiro ano... (pausa)

P1 – Agora, e a faculdade de Educação Física, como é que foi?

R – Então, tinha um pouco essa dificuldade porque era bom ganhar dinheiro e era difícil estar na faculdade e não participar da faculdade. Eu fazia noturno, tinham muitas pessoas no noturno que trabalhavam e estudavam, eu era uma delas. Mas algumas pessoas só faziam o noturno e passavam o dia inteiro na faculdade fazendo tudo, experimentando, a faculdade tem essa característica. Lá na UNICAMP não é igual aqui, que tem o CEPE. Lá o CEPE era a faculdade e aí a faculdade virou faculdade e continuou sendo o espaço de prática, então tinha muito uso por alunos, então tinha muita vivência. A gente podia ir pros equipamentos de ginástica, pra cama elástica, pras quadras jogar. Então tinha isso... era muito disponível. E, quando eu estava no noturno, eu chegava, fazia aula e saía, chegava e saía. Ia em uma ou outra festa, mas se chegasse muito tarde... eu entrava sete e 12, eu acho que era o horário de trabalho. sete e 12 da manhã eu tinha que bater o meu cartão, então começava a ficar ruim, não dava tempo de dormir, tal. Então ficou muito conflituoso trabalhar e estudar, apesar de ser a realidade de um monte de gente, mas eu queria estar lá, queria estar disponível. Então, quando me demitiram, eu nem achei ruim, achei bom porque financeiramente resguardou e porque eu tive a oportunidade de estar na faculdade. Aí eu passei a ficar... chegava à faculdade de manhã e ia embora à noite. Aí eu trabalhei em projeto de extensão dando aula de basquete, participei de grupo de estudos, fazia disciplina com o pessoal da manhã também, tem essas questões de intercâmbio, né. Jogava tudo o que aparecesse: basquete, vôlei, handebol, então foi uma liberdade. Aí fazia um curso de recreação, então quando chegava o fim de semana conseguia ganhar uma grana fazendo recreação em hotel. E aí eu conseguia fazer parte da vida da faculdade. Fazia grupo ginástico, apresentava, almoçava no bandejão, jantava no bandejão, ia pra aula. Vivi a faculdade aí no período integral.

P1 – Competiu pela faculdade também?

R – Então, eu nunca cheguei a ser um atleta, né, gostei muito mas o meu esporte sempre foi mais social, eu nunca tive a disciplina pra ser um atleta. Ser atleta é abrir mão de uma série de coisas que eu não queria abrir. Também nunca fui convidado pra ser atleta, talvez tivesse sido diferente, mas eu nunca tive esse empenho nem esse super destaque, então, pra mim, o esporte era mais uma coisa de estar com as outras pessoas de jogar junto, de conversar. Sempre foi uma experiência social muito mais do que uma experiência de rendimento. Competi algumas vezes, foi legal, mas nunca foi um... “Oh”, muito legal.

P1 – Como que é Barão Geraldo?

R – Ah, Barão Geraldo é um universo paralelo né. Barão Geraldo é completamente diferente de Campinas. Campinas é uma cidade muito elitista, é a cidade dos barões do café, então ela foi construída assim, né: “Você é quem? É da família de quem? Que carro que você anda?”, tal. A gente brinca com os amigos da cidade, quem é de Campinas, que aí não são as pessoas da faculdade, que a mulher de Campinas é uma mulher muito difícil que você não consegue nem conversar, ela é muito chata, por conta dessa cultura. Eu não sei nem como é que é hoje, mas não tem diálogo quase, ou você é alguém ou você não é ninguém. Então, quando eu fui pra Alfenas, é outra história. Em Minas as mulheres são muito mais tranquilas, conversam mais. Conversam, não precisam querer alguma coisa pra conversar, não tem essa necessidade. Aí, Barão Geraldo é esse universo mais paralelo, alternativo. A Escola do Sítio é em Barão Geraldo, a UNICAMP é em Barão Geraldo, então traz um pouco dessa forma diferente de pensar, de viver a cidade, de ver os espaços. A parte de humanas traz um pouco outras experiências e aí a cidade acaba sendo... o distrito, né, não é uma cidade, completamente diferente. É um espaço universitário, é a cidade universitária, né, o nome de bairro é Cidade Universitária. Então tem essa característica de cidade universitária mesmo, tem muita festa, muita gente jovem, os mais descolados, uns nem tanto, mas é um convívio muito diverso, de diferentes lugares do Brasil. A UNICAMP é uma referência, então as pessoas prestam do Brasil inteiro,

moradia estudantil, gente que vai pra lá e o pai paga casa, paga tudo, carro, etc. Gente que vai pra moradia estudantil e trabalha no bandeirão. Então tem essa rotina muito diversa e isso estava representado também na nossa turma. As pessoas que vinham de fora e trabalhavam... e tinham bolsa pra trabalhar na universidade, gente que trabalhava e passava pouco tempo lá e gente que conseguiu passar o dia inteiro na UNICAMP como eu.

P1 – Você se divertiu muito lá? Muita festa?

R – Ah, muito, né. Muita festa, muita festa. Na época ainda podia fazer festa dentro da faculdade, na época ainda podia vender bebida alcoólica na faculdade, que não pode mais agora. Então eu lembro da choppada de entrada dos bixos, na minha era tudo grátis. Aí, quando eu fui presidente do Centro Acadêmico a gente não conseguiu fazer grátis, a gente conseguiu fazer num valor super... 20 centavos, assim, acessível. E eu tenho uma questão cultural muito forte porque o ETECAP também tinha trote, pela característica de pré-vestibular, tudo o mais. E aí, quando eu entrei no ETECAP, o trote estava sendo proibido. E eu sempre gostei de levar trote, também porque nunca foi trote violento comigo, sempre foi um trote mais de cortar cabelo pintar a cara, tal. Então, esse tipo de trote eu sempre gostei, de aplicar e de receber. Aí, na UNICAMP, foi mesma coisa: a gente entrou e o trote já estava... acho que foi logo depois dos trotes equivocados aí todos que tiveram e isso passou a ser uma questão muito mais policiada. Então, quando a gente foi dar o trote já não podia mais, tinha que ser uma coisa muito mais consentida: “Você quer levar um trote? O que eu posso fazer em você? Posso te pintar?” Aí pintava a pessoa. Então era mais... menos violento, mais cordial, mas o histórico de trote da minha passagem nunca foi um histórico violento. Então tinha essas questões que... o trote ajuda muito você a, dependendo de como ele é feito, ajuda muito você a conhecer os veteranos, a se enturmar. Eu lembro que eu conversei com a minha esposa recentemente e ela tem... a gente tem estilos completamente diferentes: eu sou super social, tenho a turma da rua, a turma do ETECAP, a turma da faculdade, turma não sei da onde, e ela tem as turmas dela, mas talvez em menos quantidade e mais seletiva. Pra ela trote é uma ofensa muito grande, então é importante ter esse contraponto. Pra mim é uma coisa tão natural que, tudo bem, pode ser e... que também não tem muito filtro, né, trote quando você libera tudo acontece as barbaridades que acontecem.

P1 – E depois, quando você terminou a faculdade, você já tinha alguma coisa engatilhada?

R – Então, quando eu estava terminando a faculdade eu fiz estágio no SESC e dei aula numa escola em Campinas. A gente conseguiu fazer um projeto pela empresa júnior, que foi super rentável inclusive, pagava hora-aula de professor de escola particular pra gente, era muito legal. Aí a gente... eu fazia estágio no SESC, complementava minha carga com esses estágios na escola e quando eu me formei eu queria continuar porque, na UNICAMP, você forma em Bacharel e pode continuar, pedir reingresso pra licenciatura. Eu queria continuar no SESC, mas não foi possível, então eu saí. E eu fui chamado pra... dar aula? Não, pra ser monitor no Objetivo, que estava trocando a direção em Campinas, tal. Depois eu descobri que ser monitor era ser professor, só que pagando menos e sem o status, sem essas questões todas. Então eu saí da faculdade já tendo uma experiência no SESC. Acho que foi muito legal porque encontrou muito comigo. Como eu sou uma pessoa que não tem muito experiência competitiva de alto rendimento, de atleta, né, quando eu me vi num espaço onde era isso que tinha, um espaço de recreação, os cursos que tinham lá eram turmas para competição, fez muito sentido, dialogou muito com aquilo em que eu acreditava, que eu tinha construído na faculdade, do esporte enquanto uma perspectiva de formação, de prática, de prazer, de criar grupo, de socializar, enfim. Então, eu queria continuar porque eu achava que era legal, mas não deu certo. Aí, pela experiência que eu tinha tido na Escola Rio Branco em Campinas, eu... chegou, por algum caminho, pros novos donos do Objetivo, que era a família que controla o Objetivo de Sorocaba, que é super forte. E aí eles chamaram o grupo pra fazer e gostaram de mim e de uma outra professora, uma outra colega, e pediram pra gente ser monitor. Aí eu comecei a trabalhar lá. E aí é um pouco assim... só que o Objetivo de Campinas, ele era da matriz, ele era do grupo do Objetivo, não era franquia, então ele era meio que abandonado. Ele tinha sido muito forte, tinha tido muitos alunos, mas ele estava meio que... só estava com o pré-vestibular forte, as turmas normais estavam acabando, ele tinha um núcleo em Barão Geraldo, mas era uma escola super pequena, que tinha uma estrutura boa, mas não estava andando tão bem. Tinha ficado com uma fama de ser uma escola de gente que não tá... aluno meio descompromissado, que tava querendo fazer zoeira, tal. Então tinha uns alunos com um pouco dessa característica e a gente entra pra tentar ajudar essa nova gestão a tentar fazer uma nova cara pro colégio. Eles queriam uma escola de esportes, a gente tinha experiência com escola de esportes e eles queriam que a gente fizesse. Aí eu entrei e foi muito louco porque, eu lembro até hoje, eu ganhava seiscentos e uns quebrados no SESC, pra fazer trinta horas de estágio e o Objetivo me ofereceu seiscentos pra ser monitor contratado, com carteira assinada. Aí eu cheguei em casa revoltadíssimo e falei: “Mãe, que absurdo, não é possível a escola me oferecer isso daí.” E eu tinha acabado de sair de uma experiência com a escola que me pagava 22 reais a hora, a hora de 50 minutos. Então, eu tinha cinco aulas na semana e acho que eu ganhava 300 reais. Eles estavam me contratando pra 30 horas e eu ia ganhar seiscentos. “É um absurdo, uma exploração! Nem pensar, não vou aceitar. O que é isso!? Não dá, né.” Minha mãe olhou na minha cara e falou assim: “É mesmo, filho?” “É, não dá. Eu aprendi isso com você, explorar as pessoas não pode.” Ela disse: “Mas se não entrar esse dinheiro aí, vai entrar da onde?” “Não vai entrar.” Ela disse: “É isso é bom por que?” aí eu falei: “É, acho que eu vou aceitar, né. Tá bom, aceito.” E aí foi legal, foi uma experiência interessante porque não tinham muitas turmas, as aulas eram todas blocadas, eram sempre duas turmas ao mesmo tempo. E a gente teve que estruturar porque demitiram os dois professores de Educação Física que tinham lá, foram tirando as aulas, a outra professora ficou grávida e saiu, e acabou ficando só eu e essa colega como professores, mas ainda sob a coordenação de uma outra professora que falava pra gente fazer tudo aquilo que a gente achava que não era legal, que era: vôlei no primeiro semestre, basquete no segundo, handebol no terceiro e... o que faltou? Futebol no quarto. “Deixa sempre o futebol por último porque é o que eles gostam.” Isso pra todas as turmas. E a gente: “Não, mas tem muito mais coisa, não é só isso. Não dá pra trabalhar só com quatro modalidades, tem outras coisas. Não é só esporte, tal.” E a gente tentando fazer essa conversa e... só que também, ao mesmo tempo, a gente não era professor, mas de repente a gente virou professor. E aí foi muito legal porque a escola de Barão Geraldo era uma coisa mais familiar e que tinha as quadras, os campos, os espaços, que a gente tinha o espaço mais controlado. E no Cambuí era um modelo faculdade, era onde a UNIP era também e não tinha espaço, não tinha quadra, então a gente pegava os alunos num ônibus, ia prum clube, fazia aula no clube e voltava. E as turmas do Cambuí eram muito difíceis, as duas turmas eram difíceis. As oitavas eram difíceis, os colegiais já eram mais tranquilos, na época. Mas no Cambuí era muito difícil. Tinha um aluno que era muito difícil em Barão Geraldo e a gente: “Olha, não dá, tá difícil. Não sabemos mais o que fazer, a gente não consegue. Tentamos de várias formas não atinge, tal.” Acho que o pai também não dava muito respaldo, a gente não conseguia o apoio da família pra tentar ver se conseguia ajudar o adolescente e aí eles: “Ah não, então a gente vai expulsar e tal.” Não era só um caso da Educação Física, eram todos os

profissionais de sala reclamando. Com a gente era mais tranquilo porque era em quadra, acabava sendo mais... mas mesmo assim era difícil. Ai eles fizeram um conselho de classe e resolveram expulsar o aluno e aí... isso foi nas férias do meio do ano e, quando voltou das férias: “Ah, não tá mais, não tá mais.” A gente foi no Cambuí e eles tinham transferido o menino pro Cambuí. O moleque, que era o capeta, virou o capeta em dobro e gente tinha super dificuldade com ele. A escola é um espaço complicado, né, um espaço de muito conflito, o aluno é muito forçado a fazer as coisas que ele não quer. Foi difícil pra gente mudar o projeto da escola, a cara da escola, a forma de pensar a escola. Eu lembro que essa turma da oitava série do Cambuí era muito difícil e a escola queria que a gente colocasse os alunos pra fazer aula, mas lá não tinha como, então só tinha em Barão. Ai tem um Inter Barão, um Inter Objetivo. E aí a gente fez questão: “Não, vamos trazer o pessoal do Cambuí também pra cá.” E foi muito legal trazê-los pra estrutura da escola de Barão porque eles se sentiram muito valorizados quando a gente fez isso, né. Porque era aquela turma que era difícil, que dava problema. E a escola disse: “Mas por que vocês vão pegar esses caras?” “Porque eles são alunos também, enfim, tem o direito como os outros têm. A gente quer trabalhar e ver o que dá pra fazer.” E aí a gente puxou esses alunos pra fazer aula, pra treinar em Barão. À tarde o ônibus pegava, levava até Barão Geraldo e a gente conseguiu botar pra jogar, pra representar a escola, pra participar no Inter Barão e eles se sentiram muito valorizados. Então foi uma experiência que, pra gente, chamou muita atenção. Apesar de ter um ou outro aluno que a gente tinha muita dificuldade de trabalhar, a turma se sentiu valorizada. E aí a nossa relação com eles no segundo semestre, que foi quando isso aconteceu, mudou muito porque aí construiu uma relação mais de respeito de ambas as partes, de: “Olha, que legal, vocês fizeram aquilo pra gente e foi legal. Estão dando oportunidade, não estão só falando que está difícil, tal.” Isso foi muito significativo. Ai, no final do ano, na festa de formatura, eu já tinha sido convidado a ir pro SESC e eu fui. Então eu terminei as aulas com eles em novembro e em dezembro eu comecei no SESC.

P1 – No SESC em São Paulo?

R – É, o SESC em Vila Mariana, em São Paulo. E aí eu... eles me ligaram e disseram: “Professor, você não quer ser paraninfo da nossa turma? Porque foi muito legal.” Eu falei: “Eu? Por quê?” “Porque a gente não tem mais ninguém pra escolher, professor.” (risos) Não vou dizer que foi bom. E era muito legal porque eles tinham um carinho, foi uma experiência que, apesar de não ter conseguido trabalhar com todos, foi bom entender que às vezes dar a oportunidade, valorizar, dar o espaço pra eles, fez com que a gente conseguisse construir uma resposta diferente, conversar com eles melhor, ser escutados também, dos dois lados, eu acho. A gente escutá-los e eles escutarem foi muito legal.

P1 – E você entrou no SESC depois?

R – Foi logo na sequência. Ai eu entrei no SESC, mas no SESC eu entrei como instrutor, também dando aulas. E aí foi um desafio. Eu sempre trabalhei muito com esportes, trabalhei muito com turmas de esportes e aí, no SESC, é uma formação mais generalista, eles querem que você trabalhe com tudo, com ginástica. Eu nunca tinha feito ginástica localizada na minha vida e de repente: “Não, você vai ter que cuidar dessa turma aqui e é ginástica.” Então eu me lembro de eu perguntando pros colegas: “Meu, o que eu faço? Eu não sei, eu não sei nem subir num step.” Ai, no intervalo que a gente tinha de chegada no SESC, as meninas que conheciam um pouco mais falavam: “Não, faz assim, assado.”, me ensinavam algumas coisas. Então eu usava esse espaço pra ensaiar, pra fazer. Ai eu fiquei três anos na Vila Mariana dando aula, brigando pra ter aulas de esporte também, mas assumindo um pouco esse lado, que era minha dificuldade. Foi bom porque a gente geralmente se esforça mais pra fazer aquilo que a gente não sabe. Eu me lembro de me preparar muito pra essas aulas e as aulas de esporte eu preparava, mas nem tanto e não chegava tão tenso na aula, era uma coisa muito... eu tive uma turma que foi emblemática, tinha uma turma de ginástica à noite que era isso, as turmas de ginástica a noite são adultos, então eram mulheres, assim. Eu entrei na aula e elas: “Você não vai dar aula de dança pra gente?”, eu falei: “Não vou.” E aí eu passei o ano inteiro dando aula pra elas, eles, na verdade, porque tinham alguns homens, mas eram poucos. E elas provocando, provocando, provocando. Ai eu me preparei muito pra ter uma aula de dança uma vez e aí no dia eu falei: “Vou dar uma aula de dança.” “Ah! Maravilha, maravilha!” Começou uma zoeira. Nem prestaram tanto atenção na aula, foi mais pra me zoar mesmo, mas foi divertido. E foi legal ver isso, a forma como que a gente se relaciona com as turmas é muito legal.

P1 – Eduardo, foi em que ano isso daí que você estava conversando, que você entrou de instrutor no SESC?

R – 2004, dezembro.

P1 – E você ficou de instrutor até que ano lá?

R – Fiquei até 2007? Até 2007. Ai foi louco, porque foi a mudança da cidade. Eu tive a oportunidade de sair da barra da saia da mãe, por exemplo, no curso de química, que eu não fui, fiquei lá. De todos os irmãos eu fui o único que fez UNICAMP, portanto fui o único que fiquei. Minha irmã fez USP São Paulo, história e meu irmão fez medicina na USP Ribeirão. Então eu fui o único que passou a faculdade toda em casa. E aí eu saí pra trabalhar porque aí o SESC chamou no meio do ano, na verdade, pra inaugurar o SESC Pinheiros, mas eu tinha turma, né, me chamaram... o SESC tem umas questões de prazo bastante curtos: “Olha, responde amanhã.” E era sexta-feira. “Eu não posso responder amanhã porque amanhã é sábado e eu tenho que falar com as pessoas, eu tenho aula.” Ai, enfim, não deu. Ai deu certo depois e aí a escola já estava difícil, eu queria mais do que a escola estava tentando colocar e aí o SESC chamou em dezembro, aí eu falei: “Ah, então eu agora vou.” E aí vim. E aí foi isso também: mudei pra cá, tava com uma namorada, ela não era daqui, ela fazia mestrado na UNICAMP de Engenharia de Alimentos, aí a gente mudou pra casa da mãe dela aqui, morei um tempo com ela, mas o namoro também não foi muito longe. Ai fiquei um tempo fazendo bate e volta Campinas-São Paulo de ônibus. Nesse tempo... esse trabalho... o que eu falei, né, dizia muito pra mim daquilo que eu queria oferecer, daquilo que eu pensava em como fazer a carreira, né. O que eu acredito do esporte, da atividade física tinha muito lá. E tinha espaço também pra propor, é um espaço legal. Ai eu não pensei duas vezes e vim pra cá. Só que nesse período de namoro e término de namoro tem uns intercâmbios que o SESC que faz que manda instrutores pra Dinamarca, que tem que ser até uma idade. Era um intercâmbio que a UNICAMP tinha muito forte, né, a UNICAMP também é parceira dessa instituição internacional que é a ISCA e tem mandado os estudantes, mas aí vinculados à ginástica pra Dinamarca, pra fazer ginástica. Então, o grupo ginástico da UNICAMP sempre teve vagas, sempre mandou o pessoal pra Dinamarca pra fazer. Eu sempre achei isso legal, mas nunca... sabia que eu não tinha a possibilidade porque eu não era ginasta e não era do

grupo. E também, na época, não tinha muita possibilidade de ser. E aí eu entrei no SESC e tinha esse negócio, tava terminando o namoro, já fazendo bate e volta e aí eu lembro que entrou uma coordenadora na época e falou assim: “Olha, quem é que fala inglês?” Eu estava pensando em um evento que tem em Campinas, que é o Fórum Internacional de Ginástica, que recebe um monte de grupos internacionais: “Ah, deve ser pra receber grupo internacional, é sempre legal, tem umas meninas bacanas, tal, terminei o relacionamento. Eu falo.” E eu tinha uma fluência em inglês razoável até. Razoável, intermediário, assim, intermediário bom. E ela falou: “Tá bom” Só eu levantei a mão, ninguém mais levantou. Ela foi embora e o pessoal assim: “Olha, pode ser a Dinamarca, hein?” “Que Dinamarca, tá louco? Deve ser o Fórum de Ginástica.” “Não, não é.” Aí passou um tempo, eu tava chegando no SESC, passando em frente ao Multishopping, uma colega que tinha entrado comigo no mesmo processo me abraçou assim: “Parabéns, você vai pra Dinamarca!” eu falei: “Eu não tô sabendo.” “Huh! Então faz cara de surpresa.” Aí fiquei feliz pra caramba, esperei chamar. Aí eu fui pra esse intercâmbio na Dinamarca, que era um intercâmbio de quatro meses e meio numa escola de esportes, que é quase um curso pra técnico, né, pra técnico que trabalha com esporte pra comunidade. A escola é um centro comunitário, então também tem umas características interessantes, você vai pra escola e mora nela, as pessoas... inclusive os dinamarqueses moram lá, então você tem convívio diário, as tarefas são divididas, tem que limpar, tem que arrumar, tem que lavar a louça, tal, tem que pôr a mesa, tirar a mesa. Então tem um convívio muito forte e foi uma experiência fantástica, porque tem uma cultura completamente diferente com uma imersão super grande e era uma paulada, era treino atrás de treino. Eram seis sessões de treino por semana, manhã e tarde, intercalando os dias e com as modalidades que você quisesse. Eu gosto muito de acampar, de estar na natureza e lá tinha uma modalidade que era vida na natureza, não era esporte na natureza, era vida na natureza. Acampar, montar acampamento, remar, pedalar. Aí eu fiz essa modalidade e fiz uma modalidade de ginástica também, que era tumbling, que era de salto e foi muito legal. Dinamarca é um universo paralelo, é quase que um laboratório de experiências porque são cinco milhões de habitantes só, muito pequena, uma comunidade muito pequena, muito rica. Conhecê-los foi muito interessante, compartilhar foi muito legal. E aprender, né, treinei bastante, remei, fiz caiaque, coisa que eu não fazia tanto aqui, foi uma experiência riquíssima. Aí eu volto pro SESC um pouco com essa bagagem e aí todas as pessoas passam por um período de depressão, você não sabe muito bem o que fazer com tudo isso. É um super investimento, você volta cheio de ideias, cheio de vontade de querer aplicar aquilo, mas existe um funcionamento, você coloca uma coisa ou outra, muda uma coisa ou outra, mas rola um banzo, um negócio. Você viveu quatro anos e meio com uma galera fazendo esporte o tempo inteiro, dia e noite conversando, internacional, no mundo e aí quando você volta é difícil você voltar mesmo. Então rolou esse momento de depressão, dificuldade, mas logo também a gente consegue achar outras formas de sair, enfim, assumi algumas turmas que eu queria muito, de basquete mesmo, falar com os adolescentes. Então isso foi muito legal. O SESC tem muito essa ideia de como você... pra sair do cargo de instrutor pra ir pro cargo de monitor, que é um cargo mais de planejamento, tem sempre que fazer um processo de seleção. Então, eu sempre quis fazer carreira lá, achei que era bacana, que tinha a ver comigo. E aí chegou próximo de uma prova, de fazer o processo de seleção, eu fiz o processo de seleção e na hora em que eu estava me estabelecendo... eu falei de mudar pra São Paulo, né, primeiro eu fui morar nessa namorada, depois fiquei fazendo bate e volta, aí eu morei num pensionato, que é uma experiência surreal, você não tem o espaço seu, é tudo compartilhado, muito louco, gente de tudo quanto é lugar. Era um pensionato masculino, então tinha uma galera metade gay e metade não gay e aí ficava rolando umas provocações divertidas, eles faziam quem era o cara mais gostoso da casa, ficavam fazendo essa zoeira. Era muito engraçado porque era muito divertido, algumas pessoas muito recolhidas, muito sérias, o pessoal que mora não sei lá onde e vem só pra trabalhar. Então o cara vem de terno, sai só com o terno no outro dia de manhã, quase não fica no espaço de convivência. E instrutor, o cargo que eu tinha na época era de trinta horas, então eu ficava trinta horas no SESC e o resto passava bastante tempo no pensionato, saía, fazia exercício, tal. Então essa vivência de pensionato foi muito engraçado. E bom pra saber que não é legal, né, é bom por um tempo muito curto, mas você precisa de um espaço seu e tal. Aí, quando eu consegui me estabelecer em São Paulo e alugar uma casa dividindo com uma colega e ter meu espaço, que foi a primeira vez que eu morei por conta, aí começa esse processo, termina o processo e eu passo no processo: “Olha, você está indo pra Campinas?” Aí, quando a pessoa falou isso pra mim eu fiz uma cara de... “Mas você não é de Campinas?”, falei: “Sou.” “Você não gosta de Campinas?” “Eu adoro Campinas.” “Então por que você está com essa cara?” “Porque eu acabei de me mudar pra cá. Acabei de me estabelecer aqui. Faz 10 meses que eu to morando de aluguel e to criando meu espaço. Mas tudo bem, vamo embora, vamo topa, vamo fazer. É diferente, vamo nessa. Eu quero muito esse cargo, quero mudar, enfim. Vou lá, fico um pouco na casa da minha mãe e depois arrumo outro lugar pra ficar.” E aí fui. Aí é um processo completamente diferente, você faz um pouco da gestão dos instrutores, pensa um pouco os programas, de que jeito você vai apresentar as modalidades pra galera que frequenta o SESC, como é que você faz pra apresentar uma modalidade nova, que tipo de programação diferente você consegue mostrar pra aquele cara, como é que você consegue expandir o leque de modalidades que não é só basquete, futebol, vôlei e handebol, trabalhar com ioga, com tai chi, com massagem, tal. Então isso foi muito... é muito legal essa parte de montar a programação e Campinas era um espaço que eu já conhecia, tinha sido estagiário, só que aí rola um pouco essa dificuldade, né. Eu saí de Campinas estagiário, fui ser instrutor em São Paulo e quando eu volto pra Campinas uma série de colegas que tinham sido meus supervisores de estágio eu acabava agora tendo que fazer um pouco a supervisão deles. Então, pra alguns não foi muito fácil e pra mim também não, porque você tem o respeito, ao mesmo tempo em que você tem que pedir pra que eles façam aquilo que está sendo solicitado pra você, alinhar rotas, tudo o mais. Então foi um desafio grande. E muitos colegas tinham entrado comigo também porque, como eu sou de Campinas, todo mundo que queria ir pra Campinas ia, e aí quando eu cheguei lá tinha um monte de pessoas que eu já conhecia, que tinha trabalhado, que tinha estudado junto. Então isso foi... foi um primeiro desafio de entender como é que a gente trabalha nesse ambiente. E era muito rico porque muita gente pensava, acreditava nas mesmas coisas, tinha tido a mesma escola, que era a UNICAMP, então era um pensamento meio que sinérgico, ia bem.

P1 – Depois você foi pro lugar onde você está hoje?

R – É, daí quase um ano e dez meses em Campinas me chamaram pra Paulista. Aí, a Paulista era um... eu sabia que a Paulista ia fechar, mas ao mesmo tempo o SESC tem esse funcionamento, né, muito convite e quando você está sendo convidado... eu sempre tive pra mim, no SESC, que quando você está convidado você aceita. Me falaram muito isso e deu muito certo pra mim. Então: “Olha, aceita.” “Mas a Paulista vai fechar. E depois?” “Ah, quem te convidou é que é o responsável e não vai te jogar pra baixo, sabe desse compromisso também.” E aí foi quando eu consegui sair, vim pra Paulista, trabalhei acho que uns dez meses na Paulista e a Paulista fechou. E aí eu fui trabalhar na administração central, ajudando no Dia do Desafio, ajudando nessa mobilização. O Dia do Desafio é um evento pras cidades, que as cidades desafiam quem consegue mobilizar mais gente num dia específico, pensando em campanha. E às vezes o Dia do Desafio ele é muito difícil pra quem tá na coordenação do evento lá longe, entender se ele existe de verdade, né, porque chega um número e um número não quer dizer muita coisa. E aí a gente... quando eu comecei a trabalhar com o Dia do Desafio e visitar as cidades e as unidades e ver que uma série de prefeituras abraçavam a causa, faziam um

evento e desse evento nasciam às vezes um programa que tinha que ser fortalecido, e que as unidades buscavam trabalhar um pouco a proposta de fortalecer, de dar a ferramenta pra que aquele cara conseguisse montar a política pública, pra ver como é que ele consegue ocupar um espaço público, pra mobilizar a comunidade como um todo, foi interessante ver que tem muito desafio, mas que uma boa parte é atingida pelo evento. E aí eu fui trabalhar mais na administração central, que tem essa coordenação mais regional, junto com a Maria Luísa, que é a gerente. E aí ela vai colocando cada um pra fazer as coisas de acordo com a função e com a característica. E eu fiquei muito próximo dessa área. Comecei com o dia do desafio, a gente começou com uma outra campanha depois, que tá agora quase próximo do fim, que é o Move Brasil, que era de 12 até 2016, da gente tentar fazer um esforço concentrado, não em um dia, mas em um ano inteiro e ver como é que a gente consegue colocar mais pessoas pra fazer atividade. Não com um foco específico em prefeituras, mas pensando em chamar outros parceiros, qualquer pessoa pra ser parceira. E eu passei a me relacionar muito, por conta dessa ação que ficou... desse desafio que ficou pra mim, de me relacionar com outros parceiros. E aí a gente passa a conhecer outras instituições, quem é que tá trabalhando com isso e é nesse bolo que a gente começa... que foi onde eu tive contato com o PRODHE, né. A gente já tinha um contato, muito anterior a mim, o SESC e o PRODHE tinham feitos seminários em parceria, com outras pessoas tocando, mas o fato da gente ter essa ideia de criar uma campanha mobilizadora no Brasil e de, ao mesmo tempo, existir um projeto desenhado pro movimento, que a Nike estava encabeçando, que tinha convidado o SESC, que tinha convidado o PRODHE, que tinha convidado uma série de instituições, isso foi me colocando nessas relações, né. Acompanhando a Maria Luísa nessas reuniões, me aproximando dos parceiros e vendo como é que a gente conseguiu estabelecer. E a partir daí criou uma proximidade pessoal minha muito grande com o PRODHE, e até a pensar e discutir um pouco porque, como a gente tem um foco semelhante, um objetivo comum, a gente acabou discutindo várias coisas. Eu lembro de discussões, ainda quando eu não tava tão focado na campanha, de trocar uma ideia e falar: “Pô, a gente precisa fazer uma liga, né, uma liga social aqui em São Paulo, onde a gente possa pegar prefeitura, possa pegar os projetos sociais e fazer uns torneios que não sejam torneios onde um ganha e todo mundo perde, mas que todo mundo possa jogar bastante, né.” Então, assim... é muito rico a gente conseguir ter pessoas de outros projetos, com outras opiniões pra trocar ideia e ver o que a gente consegue criar. Então é nesse ponto que a gente consegue... que a gente tem a interface hoje, né, que a gente tem trabalhado mais em conjunto. E, agora, o SESC foi convidado pra fazer parte da REMS, o PRODHE faz parte da REMS, então a gente tem aproximado e conversado muito mais e construído outras propostas em conjunto né, que eu acho que é um pouco da ação que a gente tem tomado junto agora.

P1 – O que é o REMS?

R – REMS é a Rede do Esporte pela Mudança Social, que é um conjunto de instituições não... não pode ser privadas, né, tem que ser instituição... ONG, pode ser... não pode ter lucro, que trabalham em prol do esporte pela mudança social. Que é um pouco daquilo que eu falei pra você, que me inspirou a ir pra educação física e buscar. Então, assim, estar dentro dessa rede, estar nessa sinergia é muito legal, porque agora a gente pensa inclusive em diferentes focos. Algumas coisas com as quais eu não trabalho hoje no SESC e que o SESC também não tem como foco, alguns outros projetos tem. Então a gente consegue colaborar, fazer a interface, construir pontes.

P1 – E como foi que você conheceu o PRODHE? Quando você olhou e falou: “O que é isso aqui?”

R – A gente teve o primeiro contato com a Paula num seminário que a gente fez no SESC Pinheiros, que foi Esporte Sustentável, alguma coisa nessa linha, de como as pessoas conseguem praticar o esporte por toda a vida, era um pouco esse o mote. E a gente tinha alguns convidados internacionais e a gente queria algumas pessoas pra fazer um relatório do que havia sido discutido. Provocar um pouco e fazer um relatório pra gente poder publicar isso no site do seminário. E aí o pessoal comentou: “Ah, não, tem a Paula, tem o pessoal do PRODHE. Vocês não querem ver?”, tal. Eu não conhecia tanto, conhecia o CEPE, conhecia a USP, a Escola de Esportes, mas não sabia que tinha um projeto dentro do CEPE e nem quais eram as características. E aí a gente chamou, ela fez, participou, mas foi um primeiro contato, assim, muito en passant; e foi mais com a Paula mesmo, não foi com o PRODHE. E aí, depois disso, acho que a gente fez mais uns três congressos, assim, em parceria, mas acho que a proximidade aconteceu mesmo quando a gente participou do lançamento, da reunião mundial do Designed to Move, lá em Portland. Porque aí a gente teve um tempo maior de discussão num grupo e uma proximidade maior também, de discutir. E a partir daí a gente começou... você começa a participar de vários eventos e começa a ver que as pessoas estão lá e você passa a conhecer as pessoas que estão. Então, a gente... depois dessa plataforma que a gente desenhou, que a gente foi lá colaborar um pouco com ideias e conversar, a gente voltou pro Brasil, cada um com seus projetos e tal, mas a gente começou a ver que, o tempo todo, o desafio de colocar as pessoas pra fazer esporte. E não só o esporte de alto rendimento, competitivo, mas dar a oportunidade pra que todas as pessoas possam fazer a competição, mesmo que não seja de alto nível, mas que você tenha um oponente... e acho que essa foi a ideia que me seduziu muito no PRODHE. Eu não consigo nem lembrar os termos que eles usam, mas é quase que um nivelamento esportivo, que você consiga dizer: “Olha, aquela pessoa joga de uma forma que, se você for jogar com ela, vai ser legal. Você vai ter um desafio adequado e ela também e isso vai dar um jogo adequado.” Porque, quando a gente fala de jogo, principalmente modalidades esportivas, pra ser legal ele tem que ser disputado. Jogo bom não é aquele que você ganha de 10 a 0. Acho que a Alemanha não gostou de ganhar do Brasil de 7 a 1. Nem a gente gostou de perder (risos). É porque não teve graça, estava muito fácil, a gente percebia que o jogo estava vencido já, não era estimulante. Eu brinco que a Maria Luísa, que é a minha chefe, ela joga tênis, foi atleta de tênis, atleta de alto rendimento. E o exemplo que eu dou pras pessoas que trabalham no SESC quando eu quero falar: “Olha, tem que ser motivante. Não adianta nada a Maria Luísa me chamar pra jogar tênis. Eu vou apanhar muito. Ela não vai se sentir estimulada, eu não vou conseguir devolver bola. Não vai ter graça nem pra ela nem pra mim.” E quando a gente conversa com os colegas do PRODHE, brincando um pouco com essa questão do nivelamento, e eu vi que eles tinham uma experiência nessa linha, que queriam identificar como é que a gente consegue ver... não sei se era coeficiente esportivo, ou nível esportivo, enfim, mas identificar como é que as pessoas estão, pra dar pra elas desafios adequados, acho que é um pouco... é o estudo que a gente precisa ter pra dar desafios adequados. Porque isso também é um fator motivacional, né: se eu tenho um desafio... por isso que o videogame, a gente estava falando sobre isso antes de ontem, numa mesa sobre tecnologia, por isso que o videogame é tão bom. Ele te dá o suficiente pra você passar de fase. Por mais que você não termine o jogo, você vai avançar bastante. Se você ficar tentando muito você vai terminar. O esporte muitas vezes, dependendo da forma como ele é feito, ela não te dá o desafio adequado. Então: “Ah, você não conseguiu. Tá bom, ele consegue. Preciso só de um que consiga, não preciso de dois.” Então as pessoas não se sentem estimuladas, não se sentem desenvolvidas e com isso perde um pouco dessa experiência, que pra mim foi muito significativa. Então, nessa proposta de oferecer experiências significativas, de mudar o mundo, a minha filosofia, e eu encontrar uma parte dela aqui foi legal, porque a gente quer melhorar no

propósito de oferecer às pessoas experiências significativas, e eu acho que o esporte é uma experiência significativa. E aí teve uma fala muito legal aqui, acho que foi com o professor David, da universidade de Birmingham, que foi aqui mesmo, foi no auditório do PRODHE, que a educação física no Brasil teve um desgaste muito grande com o esporte. A USP chegou ao ponto de separar os cursos, né, Educação Física é uma coisa e Esporte é outra, e declarar: “Não, esporte é outra coisa, é diferente, é um fenômeno e tal.” E a gente, por conta disso, se afastou um pouco do esporte, da competição no Brasil. Então, ou é visto como uma coisa ruim, ou é só pra poucos. E aí pra aqueles poucos pode ser bom. E aí uma das conversas que esse professor trouxe pra cá, e foi aqui no PRODHE, que eu achei que foi muito legal, que é difícil você trabalhar o esporte sem pensar em competição. Então, o problema do esporte não é, necessariamente, a competição, é a forma que você faz com que as pessoas passem pela competição. A competição pode ser muito rica, a gente está competindo o tempo inteiro em diversos lugares, né. O esporte pode ser, inclusive, um laboratório pras pessoas vivenciarem os diferentes resultados de uma competição: vitória, derrota, às vezes empate. E ele falou muito desse ritual do esporte que, até aquele momento pra mim não estava tão claro, os significados. E ao falar ele foi destacando, pra mim, algumas coisas que são muito significativas. Por mais que eu não tenha competido em alto rendimento, eu participei dos jogos escolares, joguei na universidade, era reserva, mas ia no time. E essas questões de ter uma festa de abertura, de você estar com o grupo, de ficar alojado, tanto quanto as experiências de competição, são coisas que fazem parte do esporte. O esporte leva pessoas pra lugares diferentes, viagens em grupo. Então, essas experiências que eu tive e que foram significativas pra mim, elas estão presentes no esporte; e essa fala dele trouxe pra mim, talvez um fôlego: “Olha, esse ponto eu não tava explorando e é uma colaboração que eu consigo levar pro meu trabalho e ver se eu consigo colocar em prática de novo. Então, acho que essa proximidade, essa clareza, essa troca e as conversas que a gente tem tido tem ajudado a trazer um pouco de clareza. Eu sou uma pessoa que penso muito falando, então estar com outras pessoas e conversar é uma forma de me instigar a pensar diferente.

P1 – O que você acha da trajetória do PRODHE?

R – Então, eu conheço muito pouco da trajetória do PRODHE, mas o que eu conheço da trajetória... primeiro que, ter um projeto dentro de uma universidade, com essas características, pra mim já é um... da realidade que eu venho da UNICAMP, pra mim é um negócio completamente diferente. Eu nunca ia imaginar que um projeto pudesse ser sustentável nesse ponto de ter profissionais contratados que tocassem por um período tão grande algo que tivesse começado com uma escolinha de esportes. Talvez porque na UNICAMP o processo foi diferente, né. Lá existia um projeto de escolinha de esportes e ele virou uma faculdade; e os professores da escolinha de esporte viraram professores universitários, alguns mais preparados e outros nem tanto. E aqui não, aqui você tem aquilo que a gente chama de extensão universitária, né. Na UNICAMP ele está colocado também como profissionais, né, então a gente... até o entendimento: “Isso é parte da EFE. Não é parte da EFE, é parte do CEPE. Qual é o vínculo?” Pros colegas lá do SESC era até um coisa complicada, mas entender que um projeto conseguiu construir uma história desse porte, produzindo conhecimento e, ao mesmo tempo... talvez esse seja o gap da universidade, né: ela produz conhecimento, mas ela não produz a prática. Então, talvez o PRODHE tenha esse... está muito próximo da academia, mas está muito próximo também da prática ativa, ali com o público final. Então isso é um valor, é um valor muito grande, porque daqui pra EFE e as trocas que eles fazem é muito legal ver que saem coisas diferentes, porque eles têm verba também da USP pra trabalhar com projetos de pesquisas, pra fazer formação e eles têm uma visão diferente da academia pura.

P1 – Qual?

R – Essa visão da prática, de fazer a mudança no momento. A academia ela pensa assim: “Vou formar um profissional e ele vai ser o instrumento da mudança.” O PRODHE não, o PRODHE se entende como instrumento da mudança direto, talvez, assim, colocando.

P1 – Como é que o PRODHE vê o esporte? Você já falou um pouco mais eu queria que você detalhasse mais.

R – Acho que a própria sigla, Programa de Desenvolvimento Humano pelo Esporte, fala um pouco daquilo que a gente tem como valor; e o valor das pessoas que trabalham com isso é um valor individual, apesar de ser também o valor das instituições em que estão. Então é ver o esporte como uma experiência, como uma possibilidade de prática que pode levar as pessoas a refletir sobre o seu cotidiano, de forma a melhorar, a desenvolver as relações humanas. Então a gente sabe... eu estava escrevendo sobre isso, recentemente, também: o esporte, especialmente o coletivo, mas o esporte competitivo ele é, por essência, um conflito. Pra eu ganhar, alguém tem que perder. Então, como é que eu construo nesse embate algo positivo? Quando a gente pensa no esporte como vivência, aquela vivência que eu tenho de lazer, de prática, pra ele existir ele precisa ter o outro, mas alguém vai perder, né. Então, o valor do jogo, de estar em jogo, de participar, da experiência, da alegria, de ser gostoso e tudo o mais, ele faz com que as pessoas se coloquem juntas até pra jogar e pra competir. E a competição, essa é uma reflexão que a gente teve também numa experiência recente no SESC, a competição ela é um valor muito importante porque ela traz algumas experiências que você... a gente fala de esporte, né: “Por que você faz esporte?” “Esporte é bom porque é socializante, as pessoas ficam juntas e tal.” “Tá legal.” Aí uma professora recente falou: “Ah, mas cerveja é socializante também, bar é socializante. Essas coisas é tudo... pra colocar as pessoas em conjunto. O que é que você tem do esporte...” Acho que eu vou esperar um pouquinho.

(barulho de helicóptero)

Vou esperar o Abílio passar. Essa não é a rota dele.

“O que você tem do esporte que só o esporte consegue oferecer?” Porque, assim, ela brincava: “Um grupo de gente pra tocar música tem alguns componentes que todo mundo vai falar que o esporte tem também, mas o esporte tem a adversidade, tem algumas coisas...” O seu grupo está perdendo e você tem responsabilidade nisso. Às vezes se você comete um erro você atinge, não só você, mas todo o seu grupo. Isso são valores que você não vai encontrar no bar. Ou menos, vai ser mais difícil encontrar isso num bar ou num grupo de seja lá o que for. E essa vivência, essa responsabilidade, essa cooperação, esse compartilhar a responsabilidade é uma vivência importante. Às vezes até: “Como é que eu continuo, face a um resultado de 7 a 1?” Essa é uma vivência que, no bar, você não vai ter. No bar está sempre 7 a 0 pra você, né, você está sempre ganhando. E no esporte, às vezes você... tô ali numa situação extremamente difícil, não posso sair de campo, preciso arrumar uma forma de motivar o grupo. Isso diz muito da nossa humanidade, né, como é que... trazendo um paralelo pra nossa situação atual: como é que a gente consegue atuar no país hoje, que a gente vê uma série de deficiências? É mais fácil eu sair do país. Muita gente fala assim: “Eu vou mudar pra Cuba.” Cada um pro seu

lugar, né, um muda pra Cuba e outro muda pra Miami (risos). Mas a gente está num.. a gente está... se você um jogo, se fosse um esporte, a gente está num momento difícil. Se a gente não está perdendo, a gente está em vias de, né. Então, o esporte tem a condição de dar pro cara essa vivência e mostrar pra ele de onde ele consegue tirar força e impulso pra: “Não, espera aí. E mesmo que acabe agora e eu perca, tem outro ali, e pode ser que eu ganhe. Se eu me preparar, se eu... enfim.” Então eu acho que são conteúdos que você consegue na prática esportiva, que eu vejo, quando a gente pensa num programa de esporte e desenvolvimento eles fazem parte desse programa. Então, essa formação integral tem um pouco disso também.

P1 – Eu queria passar pra uma parte da sua vida agora. Você disse que você é casado, né?

R – Casado.

R – Minha esposa se chama Lígia Moreira Moreli. Conheci ela no SESC da avenida Paulista. Então a avenida Paulista, apesar de 10 meses, foram 10 meses significativos. A gente tá junto desde... agora não posso errar, né, fica gravado. Desde 2009 (risos), agosto de 2009, e a gente teve um filho em 2012, 12, 2012. E foi muito louco porque, assim.. outra coisa que a gente percebe agora: quanto mais velho você vai ficando, eu tenho 35, mais rápido os relacionamentos vão se amadurecendo. Com ela, a gente começou a sair em agosto, mudou junto em março, eu fiz uma pressão pra mudar pra casa dela porque eu estava ficando desalojado em São Paulo e eu queria um lugar pra morar (risos). Fiz uma pressão pra morar na casa dela, mudamos em março e eu acho que em agosto a gente adotou um cachorro. Aí fizemos uma viagem internacional, que foi a primeira viagem internacional dela, então foi muito legal. Fui pra França, não subi na torre Eiffel de novo. Passei pela Dinamarca, então foi super legal. Dessa viagem ela voltou grávida, então foi um encadeamento muito... foi amor à primeira vista, foi um romance super intenso. Aí, depois de um tempo também.. é igual mexer na água: você mexe muito na água e fica aquele negócio meio turvo. E aí, quando começou a sedimentar, que a gente começou a morar junto aí também percebe um pouco as dificuldades porque a gente é muito diferente. Isso foi interessante porque a gente teve que brigar um pouco pra sustentar o casamento, que agora está de novo mais sedimentado, mas mais firme, entendeu? Porque a criança também traz uma mudança na vida, né, nasce o filho e você de repente tem um.. como diria um amigo meu, que eu acho que é uma fala excelente, que teve filho três semanas depois da gente também: “Filho é uma coisa que você tem uma certeza na vida: você vai dar risada todo dia, mas é difícil.” Isso não quer dizer que você não perca a paciência, que não é difícil. Então, agora, a gente está nesse desafio. Ela trabalha com música, né, então ela não trabalha com educação física, com esporte, nada disso. Uma das coisas engraçadas no nosso relacionamento foi que esse negócio de professor de educação física é tudo meio... gosta de se mexer e tal, e eu falava das minhas aulas de ginástica e tal. E aí um dia a gente estava discutindo num almoço na avenida Paulista: “Putz, que legal. Às vezes eu começava a aula com um pega-pega.” Aí ela olhou pra mim, assim, bem no fundo: “Eu odeio pega-pega em aula de ginástica.” “Pega-pega é tão legal.” “Eu odeio pega-pega, é chato. Você está me forçando a fazer uma coisa que eu odeio. Quando um professor fala isso ele me tira da aula.” Então é muito bom também porque ter essa vivência com ela tem me dado muito contraponto pra algumas crenças também, até pelo fato dela ter esse afastamento, assim, de ver a atividade física de uma forma completamente diferente. Ela me inspira agora. Como o meu desafio é colocar mais pessoas pra se mexer, ela me inspira, bastante.

P1 – E seu filho, qual é o nome dele?

R – Pedro. Pedro Luís Moreli Uhle.

P1 – Como ele é?

R – O Pedro tem três anos, o Pedro é super bonzinho. Acho que eu fiz muita coisa certa nessa vida pra ganhar um filho tão bonzinho. Dorme bem, não chorou tanto quando foi criança, quando foi bebezinho. Mas a gente tem algumas questões, né, a gente sempre busca as nossas experiências e pra olhar a dos outros. Então ver o Pedro hoje, filho único, três anos, que está em uma casa que não tem a rua, não tem os amigos da rua, isso pra mim, hoje... até pra me analisar, né. Estou em São Paulo, não estou em Campinas. Campinas era interior, mais espaço, mais área pra construir, então as casas eram maiores e tal. Aqui em São Paulo é tudo meio compacto. A gente estava numa casa no Cambucí, que é uma casa linda, super bonita, mas pequeninha, 60 metros, dois quartos, quadradinha. Mas faltava espaço. E aí a gente conseguiu alugar uma outra casa, que é maior e aí você percebe o quanto a criança muda com o espaço. O espaço de correr, de brincar, de explorar. Essa casa são três andares, ela é uma piramidezinha, são dois cômodos grandes, dois pequenos e um cômodo em cima, mas ela é toda vazada, todo um vão livre e ela tem um monte de rede. Porque esse amigo meu que teve filho três semanas depois, que falou que você vai rir todo dia com o seu filho, a casa é da esposa dele, a gente alugou a casa deles. Quando a gente foi pra essa casa visitar pela primeira vez a Lígia olhou e falou: “Nossa, eu nunca moraria numa casa dessas.” Porque a casa toda com o pé direito baixo, ela é um pouco mais escura que a nossa, um pouco mais fria, mas ela é ótima porque ela é gigante. Aí, quando eles mudaram, ele foi pra Campinas e virou professor na UNICAMP, na faculdade de Educação Física e aí ele falou da gente alugar a casa e a gente foi alugar. Então a casa é uma delícia, é super grande, super espaço. O cachorro ficou feliz, o Pedro ficou mais feliz. E ele se mexendo ele é outra pessoa, outra personalidade. Ele anda de patinete pela casa porque tem um corredorão, vai e volta. Então é uma delícia, mas tem isso... olhando pra trás e vendo a minha infância eu fico pensando: “Será que ele não vai ter isso? Onde que eu consigo entregar isso pra ele?”

P1 – Quer perguntar Lucas? Tá. Eduardo, eu queria perguntar pra você agora, nas questões finais, primeiro: qual é o seu sonho de vida hoje, seu sonho pessoal?

R – Olha, que pergunta difícil, né. Você sabe que essa é uma pergunta que as pessoas vão sempre parar... ainda mais nessa idade que eu tô, né. Quando eu estava na escola era curar o câncer. Já não fiz o curso certo pra isso, então eu não vou curar o câncer. Eu lembro que quando eu entrei no SESC, teve no teste admissional.. eu gostei muito dessa dinâmica, ela falou assim: “Escreve um.. o que você colocaria na sua lápide?” Porque eu acho que tem um pouco isso, né, o que você gostaria de ter realizado depois que você passou por aqui. Aminha... eu não consegui

colocar os feitos, mas eu... a ideia que eu quero... eu quero ter uma passagem significativa por aqui, eu quero poder ser um instrumento de mudança, de melhora, de... hoje eu escolhi fazer isso por meio do esporte, da atividade física, então, assim, que seja por essa linha. Eu quero conseguir deixar um processo, um projeto ou alguma coisa que efetivamente faça sentido pras pessoas e possa dar pra elas melhores condições, né, eu tenho esse sonho. E a gente tem feito alguns projetos que eu acho que tem um pouco condição de deixar esse laço. Eu acho que o SESC tem me dado condições de explorar algumas coisas, de investir em algumas coisas que podem deixar algum resultado. Não sei se está tão perto, não sei nem se vou conseguir, mas eu quero. Além de ter outro filho, além disso tudo eu queria também ter uma passagem significativa.

P1 – E como é que foi contar a sua história?

R – Ah, a gente fica com a sensação de que ficou coisa de fora, né, não tem jeito. A hora em que você me perguntou da minha mulher eu quase me chicotei, falei assim: “Caramba, quase não falei deles.” Mas o meu filho tem três anos na minha história de trinta e poucos, então eu tenho que dar um desconto. Apesar de serem três anos... esse negócio de deixar herdeiro é interessante. Mas é isso, é gostoso, eu gostei. Gostei de contar e acho que ainda tem outras coisas, mas acho que não vai dar conta, né. Uma vida ela é vivida, não é contada.

P1 – Tá certo, então. Obrigado, viu, Eduardo.

R – Obrigado.

P1 – Foi ótimo